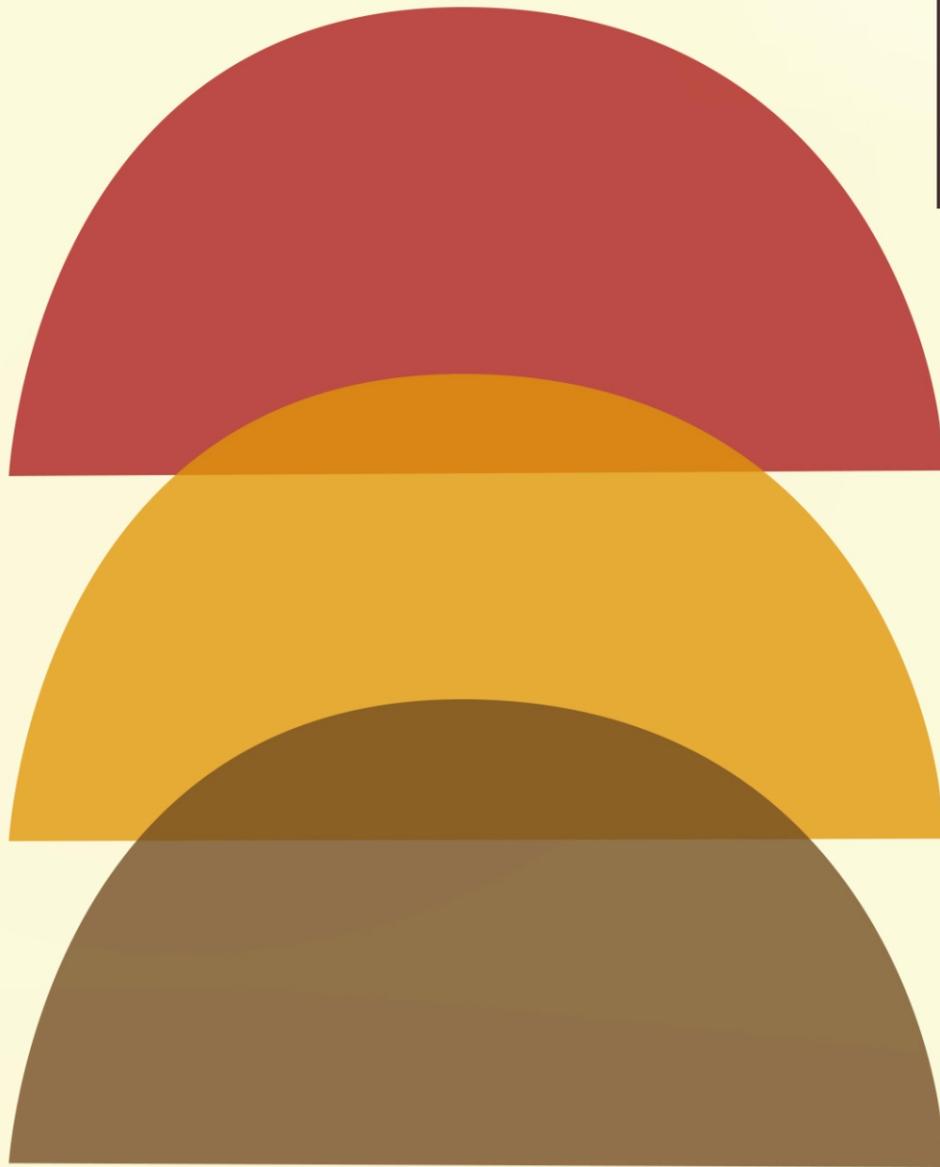


**20**

**20**



# **Arquitetura e Habitação Indígena no Brasil**

**Enzo Rodrigo Antunes Silva**

---



**No dia que não houver lugar  
para o índio no mundo,  
não haverá lugar para ninguém.**

---

**Ailton Krenak**



**Dedico esse trabalho aos povos  
indígenas do Brasil.**

---

# Resumo



A arquitetura indígena tradicional brasileira, se encontra dentro do campo da arquitetura vernacular, sendo um conhecimento ancestral, passado pela observação e oralidade pelas gerações, em diferentes contextos indígenas. Questiona-se de que maneira a sociedade está encarando a questão indígena na educação, e conseqüentemente em outras áreas. Tendo como objetivo a compreensão das técnicas dessa arquitetura, bem como sua importância nas sociedades indígenas, e a construção de material de pesquisa e bibliográfico, utilizado para construção de uma coleção de moda baseada no mesmo. Concluindo ao final a necessidade de maior dedicação da sociedade como um todo, na luta pelos direitos indígenas de maneira geral. E também a possibilidade de novas perspectivas no design, ao se olhar para temas pouco explorados.

Palavras-chave: Arquitetura, indígena, educação.

# Sumário

## 1. Introdução

1.1

### 1.1 Habitação Indígena no Brasil

1

### 1.2 Demarcações de Terras Indígenas

2

### 1.3 Povos do Xingu e Contato com Brancos

4

### 1.4 Arquitetura e Organização no Parque Indígena do Xingu

5

## 2. Educação e Diversidade Cultural e Racial

8

### 2.1 Educação Indígena

10

### 2.2 Escola Paàmli e os Desafios Educação Indígena

11

## 3. Racismo Indígena no Brasil

12

<b>3.1 A Contribuição da Tv a Disseminação de Estereótipos</b>	<b>13</b>
<b>4. Perspectivas Para o Futuro Indígena</b>	<b>14</b>
<b>4.1 Perspectivas Indígenas Destacáveis no Brasil</b>	<b>15</b>
<b>4.2 Sonia Guajajara</b>	<b>15</b>
<b>4.3 Ailton Krenak</b>	<b>18</b>
<b>4.4 Raoni Metuktire</b>	<b>20</b>
<b>5. Metodologia</b>	<b>22</b>
<b>6. Moda e Arquitetura</b>	<b>23</b>
<b>7. Release</b>	<b>24</b>
<b>8. Painéis</b>	<b>27</b>

**9.Coleção**

**40**

**10.Fichas técnicas**

**46**

**11.Considerações Finais**

**65**

**12.Referências Bibliográficas**

**66**

# 1. Introdução

1.1

A arquitetura indígena tradicional brasileira, se encontra dentro do campo da arquitetura vernacular, ela é feita com os materiais encontrados em um determinado meio, e com o objetivo principal de se proteger contra os efeitos desse meio. Para além das funções práticas, as construções indígenas, carregam consigo uma grande importância, pois representam a vivacidade da cultura indígena em meio ao mundo contemporâneo. A maioria dos materiais utilizados para a construção desse trabalho são de povos do alto Xingu, é importante pontuar esse fator visto a grande variedade de exemplos da arquitetura indígena no Brasil.

Das 1.306 terras reivindicadas por povos indígenas, 64% tem pendências do Estado em relação a finalização da demarcação e o registro como território indígena nacional (CIMI, 2019). Esse é apenas um dos exemplos das dificuldades encontradas pelos indígenas no Brasil. A falta de visibilidade em questões como essa é notória, e demonstra a importância de se decorrer sobre o tema em diversos âmbitos, e urgentemente no âmbito acadêmico.

O artigo 2 da lei Nº 11.645.08, de 10 de março de 2008, estabelece que o ensino de história afro-brasileira e indígena é obrigatório em todos os anos do ensino, em especial nas matérias de arte e literatura (Brasil, 2008). Mas ainda assim estamos realmente consumindo conteúdos feitos por pessoas indígenas? Por que afinal se o ensino sobre povos indígenas já é regularizado por lei, não seriam os próprios indígenas os mais capacitados para produzir materiais acerca do tema? Isso nos leva a uma série de questionamentos, mas o principal é, a sociedade enxerga os povos indígenas como seres pensantes e passíveis de construir conhecimento?

Pretende-se compreender sobre técnicas e materiais utilizados na arquitetura indígena, bem como a importância da preservação dessa cultura, pensando no significado que ela carrega consigo. Isso será realizado por meio da construção de material de pesquisa e bibliográfico. E o desenvolvimento de uma coleção de moda baseado nas questões conceituais e visuais retiradas e abordadas no tema. Utilizando de uma consulta bibliográfica, muito intensa, com diferentes perspectivas e pontos de vista. Sendo quali-quantitativa.

## 1. Habitação Indígena no Brasil

A arquitetura indígena no Brasil se apresenta de diversas formas, refletindo a pluralidade de experiências da vida indígena, que perpassam naturalmente pelas dificuldades dessa vivência. Encontram-se atualmente 315 etnias indígenas no Brasil, com características e culturas diferentes entre si, com diferentes variações na forma que habitam seus espaços originários ou não e utilizam a arquitetura, sendo os mesmos, resultado tanto de suas tradições ancestrais, como de seu contexto, se estão localizados mais próximos ou mais distantes de áreas urbanas, se estão em terras demarcadas ou não, de que forma a colonização os influenciou e moldou, entre diversos outros fatores.

Para ilustrar essa pluralidade podemos citar os Yanomamis, habitantes da fronteira brasileira com a Venezuela, que constroem grandes estruturas circulares com um pátio ao centro, onde conseguem abrigar todos integrantes da aldeia. As etnias do Xingu como os Naruvotu, Trumai, Wauja fazem construções denominadas malocas, onde varias famílias moram e são posicionadas de forma circular, deixando um terreiro no centro da aldeia, os Tekoa Itakupe etnia que vive em São Paulo, no Jaraguá, vivem em casas construídas a partir de pedaços de madeira e outros resíduos, de maneira improvisada. Ao tratarmos deles esbarramos em uma questão fundamental para a forma que se estabelece a arquitetura indígena nos dias atuais, a demarcação de território.

O território dos Tekoa não é demarcado, realidade da maioria dos povos indígenas do Brasil, das 1.306 terras reivindicadas por povos indígenas, 64% tem pendências do Estado em relação a finalização da demarcação e o registro como território indígena nacional (CIMI, 2019). Essa falta de garantia de moradia aos povos indígenas, os deixa em situação de constante insegurança, podendo sofrer reintegrações de posse, e sendo alvo da cobiça de suas terras pelo agronegócio, mineração e outras iniciativas que visam suas terras para conseguir lucro.

Essa grande diversidade de arquiteturas e formas de habitações indígenas no Brasil, causa as vezes estranhamento em parte da população, que por falta de conhecimento acredita que todos os indígenas vivem fora da cidades e em construções

totalmente tradicionais, chegando a existir pessoas que acreditam que os indígenas que vivem ou transitam em áreas urbanas não são “indígenas de verdade”. Essa ideia que é racista por estereotipar o modo de vida indígena, através de uma visão branca, também proporciona o apagamento indígena, e conseqüentemente invalidando debates sérios e necessários sobre os mesmos.



*Aldeia Indígena do Jaraguá, Zona Norte de São Paulo  
Foto Reprodução/Tv Globo*

## **1.2 Demarcação de Terras Indígenas**

Considera-se terra indígena, o território nacional que passa por processo legal de demarcação, onde é homologado por Decreto Presidencial, como propriedade da União, onde uma ou mais comunidades indígenas tem o direito a habitar. Por ser um bem da União é inalienável e indisponível, e os direitos sobre ela são imprescritíveis. (FUNAI,2005)

E dentro do conceito de terra indígena existem, 4 classificações, Terras Indígenas Tradicionalmente ocupadas, são as terras que se trata Art. 231 da Constituição Federal de 1988, são terras originalmente ocupadas pelos indígenas e que são de seu direito, seu processo de demarcação é regido pelo Decreto n.º 1775/96. Reservas Indígenas, terras doadas por terceiros, desapoderadas ou apossadas pela união, que passam a

tradicionalmente habitadas pelos indígenas. Terras Dominiais, terras de propriedade das comunidades indígenas, por diferentes formas de domínio de propriedade, dentro dos termos da legislação civil. Terras Interditadas, são áreas onde a Funai considera a necessidade de interdição, pelo risco a povos isolados, criando restrições para a entrada e circulação de pessoas na região, é uma atitude assegurada pelo Decreto n. 1775/96.

Porém das terras reivindicadas por povos indígenas, 64% tem pendências com o estado em relação a finalização da demarcação, e o registro como território indígena nacional (CIMI, 2020), o que demonstra a lentidão no processo de demarcação . O que causa incerteza aos indígenas, sobre sua segurança, estando sempre sobre as ameaças do agronegócio, mineração, e outros setores que visam suas terras para obter lucro. E mesmo terras demarcadas, como a Karipuna em Rondônia , sofrem com o desmatamento, a partir de sua homologação em 1998, 10 mil hectares de floresta dentro de suas terras, já foram destruídos por exploração ilegal de madeira ou grilagem (CIMI,2018). Ainda assim, a demarcação apresenta resultados positivos no combate ao desmatamento.



*Aldeia Karipuna no rio Jaci-Paraná- Foto Reprodução /Gilberto Azanha 2004*

### 1.3 Povos do Xingu e Contato com Brancos

O Parque Indígena do Xingu está localizado na região norte do estado do Mato Grosso, onde se encontra a região sul da Amazônia Brasileira, ao total ele tem 2.642.003 hectares, sendo uma das maiores áreas reservada aos povos indígenas do mundo. O parque tem uma enorme biodiversidade, sendo uma área de transição ecológica do sul que apresenta savanas e florestas semidecíduais secas, para a região norte de floresta ombrófila amazônica. Ao sul do parque, encontra-se os afluentes que formam o rio Xingu, uma bacia formado pelos rios Von den Stein, Jatobá, Ronuro, Batovi, Kurisevo e Kuluene.

Os povos do Xingu, tiveram um contato muito tardio com os brancos se comparado a outras etnias do Brasil, e muito distinto, pois o seu contato foi dirigido pelo etnólogo alemão Karl von den Steinen, e mais tarde pela fundação Brasil Central dos irmãos Villas Boas. O primeiro contato de Karl von den Steinen foi em 1884 e 1887, foi onde os brancos começaram a ter conhecimento sobre os povos do Xingu. O contato de Karl foi aos poucos, subindo cada vez mais o Xingu, até estabelecer contato com todas as etnias do Xingu. Após ele outros etnólogos visitaram o Xingu nas próximas décadas, como Hermann Meyer, Hintermann, Max Schmidt, o que levou doenças novas ao Xingu.

Após algumas décadas de um contato pouco organizado, e bem inicial, em 1946 a fundação Brasil Central começa a se instalar na região, os irmãos Orlando, Leonardo e Claudio Villas Boas, por acreditarem que esses seriam índios “puros” deveriam ser conservados, começam então a defesa dos indígenas do Xingu, que já estavam em uma área visada pelos fazendeiros do Mato Grosso, defendendo assim a demarcação da terra. Nessa época, é criada uma base da Força Aérea Brasileira, no rio Kuluene, além da abertura de duas pistas de pouso, isso atrai uma segunda leva de etnólogos ao Xingu, além de trazer médicos e outros recursos.

Todo esse contato entre brancos e povos do Xingu, teve uma relação dúbia, ao mesmo tempo que foi muito pacífica comparada a experiência de outras etnias com os brancos, ela gerou diversos conflitos e mortes. Durante esse período diversas etnias do Xingu entraram em contenda, culpando os indígenas que deram acesso aos brancos pelas doenças trazidas. Que

levaram a população do Xingu aos menores números registrados. Em 1952 a população chegou em 574 pessoas, após uma epidemia de sarampo, e em 1965 teve seu menor número, 542.

Mesmo que os irmãos Villas Boas já fizessem campanha pela demarcação do parque a alguns anos, somente em 1952, em uma mesa redonda com o vice presidente da república e o governador do Mato Grosso, a ideia começou a realmente se concretizar. E somente em 1961, a primeira demarcação da área do parque ocorreu, foi o decreto Decreto nº 50.455, de 14/04/1961, além da regulamentação pelo decreto nº 51.084, de 31/07/1961 assinado por Jânio Quadros. Somente um quarto da área inicialmente proposta foi demarcada. Ajustes foram feitos em 1971, pelos decretos nº 63.082, de 6/08/1968, e nº 68.909, de 13/07/1971, e seu perímetro atual foi demarcado em 1978.



*Karl von den Steinen ao centro, em sua segunda expedição ao Xingu 188- Foto Reprodução/ Internet*

## **1.4 Arquitetura e Organização no Parque Indígena do Xingu**

As 16 etnias que habitam o parque são Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro Matipu, Mehinako, Nahukuá, Nárivotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja e Yawalapiti. As etnias do parque apresentam, 6 famílias linguísticas diferentes, e uma língua (Trumai), que não se encontra em nenhuma classificação de família linguística indígena brasileira. Essa variação linguística manifesta, a riqueza e diversidade cultural dentro do parque. O português está cada vez mais comum entre esses povos, que circulam muitas vezes em fazendas ao redor do parque, as televisões nas aldeias ajudam nesse processo, e pessoas de diferentes etnias, estavam cada vez mais se comunicando em mais línguas.

Essas etnias se organizam em aldeias, com malocas (a casa indígena) posicionadas de forma oval, elas são grande construções ovais, feitas a partir de troncos de madeira, que se ligam de maneira complexa, sendo extremamente seguras, formando a estrutura, e revestidas de sapé, formando o telhado. Existe um fogo central na maloca, onde se é produzido os alimentos que todos vão consumir, mas também é comum fogos menores, no local reservado a cada família, onde elas podem fazer o que for de seu desejo.

A construção da maloca, exige o empenho e trabalho de vários homens, mas existe um, o futuro dono da casa, que é responsável por toda a organização da construção. O processo de aprender a construir a maloca, se dá por meio da observação. Após a construção da casa, grupos de irmãos com suas respectivas famílias vão morar lá. Também pode se encontrar primos ou eventuais descendentes. Cada maloca tem seu “dono” o homem responsável pela construção da mesma, e se quando o homem falecer, a maloca ainda estiver em boas condições, seu filho homem primogênito se torna o dono. O dono comanda as atividades produtivas e outras questões dentro da maloca.

No centro da aldeia, fica um grande pátio de terra batida, ele é extremamente importante na cultura dos povos xinguanos, é lá que ocorrem rituais, onde toda a aldeia pode se reunir para ouvir discursos de seu líder, onde visitantes são recepcionados, e diversas outras atividade.

As diferentes etnias do Xingu tem suas características próprias, especialmente os do alto xingu, ao Norte do parque, que sempre tiveram menos interesse no contato com as outras etnias. Mas ainda assim podemos perceber semelhanças entre as etnias, especialmente no quesito estético. O cabelo oval para os homens, e os cabelos longos e com franja são o costume nas diferentes etnias, e mesmo que possam a ver diferenças, suas pinturas corporais são bem semelhantes entre si. Além de terem rituais semelhantes entre si, como o Karup realizado na morte de alguém de destaque, e valorização da bondade e doação entre os habitantes da aldeia.

O peixe, mingau e o beiju são a base alimentar das etnias do Xingu, mostrando a importância da mandioca brava, que sofre um processo, totalmente dominado pelas mulheres indígenas para poder ser consumida. A caça do peixe, principal proteína animal consumida pelos indígenas, fica a cargo dos homens, a carne vermelha não é muito comum, principalmente entre as etnias do alto Xingu, mas ocorre esporadicamente também. Mas outros alimentos também são produzidos, entre eles estão milho, mamão, abóbora, melancia. A coleta de alimentos tem um papel secundário na alimentação da aldeia, os principais itens coletados são mel, pequi, jenipapo, mangaba, formigas, ovos de traçajá.

Os artefatos utilizados nas atividades masculinas, como a caça, é de grande parte de metal, trazido de fora das aldeias, mas ainda são utilizados arco e flechas, além de adaptar esses utensílios não tradicionais, as técnicas que os indígenas usam a séculos. Já nas atividades femininas, como o processamento de alimentos e cozinhar, os artefatos tradicionais ainda estão muito presentes, cuias para transporte de água, panelas de cerâmica. Mas panelas e caldeirões de metal já estão presentes no cotidiano das aldeias também.

A maior parte dos materiais utilizados na fabricação de artesanato, cestos, redes, indumentária, e outros, são de origem natural, provenientes de madeira, embira (fibra de diferentes plantas usada como corda), conchas de caracóis, fibra de buriti, e uma espécie de algodão local. Mas os materiais não tradicionais também ficam cada vez mais comuns, sempre sendo utilizados por meio das técnicas ancestrais, os mais comuns nas aldeias são contas e miçangas de porcelana e vidro, fio de lã e de algodão, lata, prego e corantes.

Toda essa produção interna nas aldeias, proporciona trocas entre elas, pois cada uma é mais especializada em algum dos processos artesanais. E outras técnicas ancestrais, como a produção de mel e óleo de pequi, estão se tornando fonte de renda para as aldeias, através de uma parceria com a ISA (Instituto Socioambiental).

É muito interessante, e fonte de inspiração, ver a maneira como os povos do Xingu, mesmo após décadas de contato com a sociedade branca, ainda mantém suas diferentes culturas, e ainda mais quando eles utilizam recursos oferecidos pela cultura branca, com suas técnicas ancestrais, ilustrando bem de que a forma se estabelece o contato deles com os brancos.



*Amanhecer na aldeia xinguana Yawalapiti- FotoReprodução/Lalo de Almeida*

## **2.Educação e Diversidade Cultural e Racial**

A diversidade cultural são os aspectos e características, que diferenciam cada cultura, isso envolve toda a culinária, indumentária, religião e todas as outras facetas que transformam cada cultura, em uma expressão única e verdadeira de diferentes povos.

E dentro de um território ou nação também percebemos a diversidade cultural, o Brasil é um exemplo muito claro, um nortista provavelmente vai experimentar outros costumes culinários, religiosos entre outros do que um sudestino. Essas diferentes experiências culturais dentro de um mesmo país, provem das diferentes histórias de cada região, seu clima, suas influências pela colonização e tantos outros fatores que vão construir culturas diferentes em um mesmo território.

Cada vez mais os debates sobre como a globalização está afetando essas culturas locais, se mostram mais atuais, mas o fato até o momento é que o processo de globalização que já esta extremamente consolidado, não deve ser revertido. O mais difícil, é compreender se esse processo de globalização não se torna, uma nova forma de colonização, onde as características de um país são postas, como inferior a de outro.

Esse realmente é um debate que vale a pena, uma vez que colocando o Brasil como exemplo, viu-se um renascimento dos

blocos de rua no carnaval, e até mesmo uma construção do carnaval, em locais onde antes quase não era presente, como a própria cidade de São Paulo. Mas esse mesmo carnaval de rua que é uma tradição cultural brasileira, vem de uma maneira renovada colocando o samba em segundo plano, e se dividindo em grupos de funk, música pop internacional e nacional, lgbt, e muito outros.

Mas independente dos diversos debates que a diversidade cultural e a globalização, trazem a todas as sociedades, os ambientes acadêmicos devem se mostrar cada vez mais preparada, para esses debates e também para o ensino sobre a diversidade cultural de seu país e sua região. Pois essa diversidade cultural, provém especialmente de processos históricos, que naturalmente serão ou deveriam ser ensinados pela escola.

O ensino da diversidade cultural nas instituições de ensino, traz consigo uma série de benefícios, como o ensino da ética e respeito sobre outras culturas, a consciência sobre os processos históricos que formaram o ambiente onde o educando habita, conseqüentemente o despertando para o senso crítico, das formas como esses processos se deram. Isso nas diferentes fases e formas da educação, seja de crianças, adolescentes, pessoas que estão realizando seu aprendizado de forma tardia, como descreveu Paulo Freire.

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. O papel ativo do homem em sua e com sua realidade. O sentido da mediação que tem a natureza para as relações e comunicações dos homens. A cultura como acrescentamento que o homem faz ao mundo que ele não fez. A cultura como resultado de seu trabalho. De seu esforço criador e recriador. O homem, afinal, no mundo e com o mundo, como sujeito e não como objeto. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana.

(FREIRE, 1963, p. 17)

## 2.1 Educação Indígena

O conceito de educação indígena, consiste em uma série de modificações e metodologias, próprias para o ensino ao estudante indígena. Onde o objetivo é que a escola se adapte ao ensino indígena, e não o contrário. Essas modificações podem variar em diferentes escolas indígenas, mas o foco é sempre, criar um espaço de pertencimento ao aluno indígena, muitas vezes com ensino multilíngue, o respeito e valorização da cultura de cada etnia, e contar com professores indígenas, são as principais diferenças do ensino comum.

Essa compreensão da realidade indígena, é fundamental para que os indígenas possam ter um aprendizado pleno. E dar a eles, condições um pouco mais igualitárias a de não indígenas, como maiores oportunidades no mercado formal de trabalho, permitindo o acesso a ensino superior e outras.

Também é interessante citar, especialmente para uma auto reflexão dos processos de aprendizagens, utilizados pela sociedade não indígena, que uma das características em comum, entre o diferentes povos indígenas do Brasil, é a crença de que o processo de aprendizagem, ocorre a todo momento, e não pode ser fechado a um somente espaço ou local, no caso a escola. Eles entendem a educação, como tudo que um indivíduo vivência, e não apenas as matérias tradicionais da escola, como português e matemática.



*Estudantes da Escola Estadual Indígena Ancelmo Bispo de Souza*

## **2.2 Escola Pamáali e os Desafios da Educação Indígena**

A escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali, fica no alto do Rio Negro e foi inaugurado em 2000, ela foi totalmente planejada e coordenada por indígenas, projetada para o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e a formação inicial costumava ficar a cargo da própria comunidade. Atendiam as diferentes comunidades que ficam, ao decorrer do rio Içana e seus afluentes.

Por atender diferentes comunidades, alguns alunos levavam até 5 dias para chegar a escola, sendo assim eles tinham um calendário próprio. Os alunos iam para a escola e ficavam lá por dois meses, então retornavam a suas casas e ficavam 1 mês em casa. Onde eles deviam desenvolver projetos com a comunidade, e realizar pesquisas, para apresentar no retorno a escola.

As aulas contavam com o currículo tradicional de uma escola, e também com o ensino do patrimônio cultural e imaterial do povo Baniwa e Coripaco. A formação linguística em Pamáali era plurilíngue, era ensinado o português, o espanhol, pois eles se localizam na fronteira com a Venezuela e Colômbia, e também o Aruaque, junção das línguas Baniwa e Coripaco.

A formação durava em média 4 anos, podendo variar de aluno para aluno, o tempo de cada aluno era um principio muito forte em Pamáali. E as avaliações eram realizadas, de maneira coletiva, em 3 fases, uma autoavaliação do aluno, uma do professor, e a terceira que soma as duas. A escola era considerada um exemplo de educação indígena.

A escola foi obrigada a fechar no final de 2016. A infraestrutura da escola estava muito debilitada, e faltava verba para a alimentação e transporte dos alunos. Em 2018 a Associação Conselho da Escola Pamáali (Acep), órgão gestor da escola, a Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi), com apoio do Instituto Socioambiental (ISA), lançou uma campanha de arrecadação para reativar Pamáali. Mas ainda assim o dinheiro arrecadado não foi suficiente, e a escola permanece desativada.

O hiato de 5 anos de Pamáli, é o retrato de uma situação alarmante sobre a educação indígena no Brasil, onde as etnias que estão mais afastadas de grandes centros urbanos, estão mais

vulneráveis a falta de oportunidade de ingressar na educação formal.

### **3. Racismo Indígena no Brasil**

A construção da sociedade brasileira foi guiada pelo racismo e a segregação, utilizando dos mesmos para conseguir gerar o maior lucro possível, que seria repassado a países europeus. Somente com a criação de ideais racistas muito fortes,

se torna justificável aos europeus, e aos brancos nascidos na colônia, a escravidão e extermínio de pessoas. Pessoas essas que não eram vistas como seres humanos para a sociedade branca.

Essas ideias racistas tão fortes de desumanização de seres humanos, são formadas de uma forma a atingir seu apogeu quando se tornam tão naturais, que ficam invisíveis aos brancos. É quando ocorre, o racismo estrutural.

No Brasil os indígenas e negros, são os principais grupos não brancos habitantes, e diferentes formas de apagamento foram aplicadas a eles. Rapidamente falando das pessoas negras, a eles foi aplicado a segregação dentro da própria sociedade, negando todas as formas de direitos humanos a eles, desde o acesso a educação até a violência propriamente dita. Já o indígena foi caracterizado como não indígena ao menor traço de cultura branca, o que se dava por meio da miscigenação, ou colocado como atrasado, incapaz de pensar, problema para o desenvolvimento, e deixado também sem nenhum direito.

Para ocorrer esse apagamento do indígena, por meio da negação de sua identidade ou de sua invisibilidade, foi necessário tornar primeiramente o indígena um ser exótico, que vive na mata, não usa roupas, não fala português. Esse é considerado o indígena que atrasa a sociedade, e por isso não merece ter sua voz ouvida. Dessa forma o extermínio e retirada de suas terras, é vista com bons olhos pela sociedade.

A negação da identidade indígena se dá quando a partir do estereótipo de indígena exótico, qualquer indígena que não se encontra muito próximo a ele é considerado não indígena, importante ressaltar que nenhum indígena se encontra nesse estereótipo, pois segundo ele, eles seriam seres atrasados, o que é errôneo. Mas é muito ardiloso da sociedade branca, negar essa identidade indígena a partir do momento que a maior parte dos

indígenas foi obrigado a adquirir partes da cultura branca.

Sendo assim, concluímos que independente da forma como esse indígena existe, a principal arma contra ele é o apagamento. Afinal se você nega a identidade indígena, como eles vão lutar por seus direitos? E se você coloca os indígenas que ainda não tiveram contato com os brancos, como seres atrasados e primitivos, que direitos esses merecem?

### **3. A Contribuição da tv a disseminação de estereótipos**

O áudio visual no Brasil, principalmente a TV, teve um forte papel na perpetuação do racismo. Pois ela é uma forma de garantir, a manutenção das ideias e estereótipos racistas na sociedade. Isso se torna muito notável, quando notamos que exatamente as mesmas formas de exclusão de indígenas e negros, que ocorrem na sociedade, são reproduzidas na tv.

O negro é colocado como alguém que faz parte da sociedade brasileira, mas que não tem valor moral ou físico algum. Sempre no papel de empregado, sem caráter, promiscuo, ou então mais recentemente, utilizado para mostrar como um branco é piedoso e bondoso ao ajudar o negro, muito comum em novelas de época. Além de uma grande invisibilização claro, tendo sempre pequenas participações dentro dos estereótipos que a sociedade branca, acha correto para eles.

Já a representação indígena ainda menor que a negra, se dá de maneira totalmente exótica, seguindo os ideias da sociedade. As mulheres indígenas nas obras de ficção, são as principais representadas, sempre tendo alguma relação amorosa com um branco, e sempre utilizando as vezes de forma mais nítida ou não, a sensualidade dessa indígena idealizada. Sempre claro, utilizando atrizes brancas. Indígena não tem vez na televisão brasileira.



*Atriz Cleo Pires vestida de “índia” na novela “Araguaia”- Foto Reprodução/Internet*

#### **4.Perspectivas Para o Futuro Indígena**

As perspectivas para um futuro indígena com maior qualidade, em todos os campos que constituem uma boa qualidade vida como saúde, educação, habitação e tantos outros, dependem de um empenho de toda a sociedade brasileira, que precisa refletido em seu governo, que deve estar preparado e decidido a destrinchar esse assunto passando por suas diversas incógnitas históricas.

É necessário mudanças no campo político, de modo que as medidas públicas que dissertam sobre os direitos indígenas, não sejam ameaçadas, e com uma atuação incisiva no comprimento dessas medidas, pois sem esse comprimento rígido, os indígenas continuam vulneráveis. Dentro dessas medidas, a demarcação se mostra algo de primeira importância além do acesso a educação.

Também é preciso que a educação, esteja engajada em contribuir para a causa indígena, de variadas formas, seja com as modificações para a educação indígena, ou levando essa discussão aos alunos não-indígenas. Importante reforçar, que para a educação ter as condições necessárias para a atuação na causa indígena, ela precisa da presença do governo.

E a população brasileira em geral, precisa se dedicar a evoluir seu olhar sobre o indígena, independente de compreender a fundo ou não a causa, é necessário que o respeito a eles, e aos seus direitos, se torne uma pauta fundamental aos

olhos da sociedade. Essa população, que pode ser instigada por meio da educação a refletir.

É triste pensar, que esse ciclo de governo junto com educação, junto com a sociedade, que poderia trazer resultados enormes não somente a pauta indígena, se torna algo parecido com uma utopia, ou de extrema inocência. Mas que outro caminho não violento podemos ter para proporcionar um futuro melhor a todos? E se não acreditarmos, que as dificuldades enfrentadas pelos indígenas e tantas outras minorias sociais, são imutáveis, qual o motivo da luta de tantos que já morreram, e dos que lutam no presente?

#### **4.1 Perspectivas Indígenas Destacáveis no Brasil**

As visões sobre a situação indígena no Brasil, são extremamente plurais tanto em não indígenas, quanto no próprio movimento indígena, e como obviamente é impossível reunir toda essa pluralidade, foi decidido apresentar 3 perspectivas indígenas, que se propõem de diferentes maneiras trazer luz, sobre as mais diferentes questões dos mesmos.

#### **4.2 Sônia Guajajara**

Sônia Guajajara é uma importante liderança indígena brasileira, nasceu em 6 de março de 1974, na Terra Indígena Arariboia no Maranhão. Atualmente ela é a coordenadora-executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB). Mas começou sua militância desde muito nova, sendo anteriormente coordenadora das organizações e articulações dos povos indígenas no Maranhão (COAPIMA), e também atuou na Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

Além de seus postos de destaque, em organizações pela defesa dos povos indígenas, Sônia também participou de momentos históricos como a participação no primeiro encontro nacional indígena em 2001. Em 2012 organizou o “Acampamento Terra Livre” fazendo um contraponto ao evento Rio+20. No ano seguinte comandou a Semana dos Povos Indígenas, além da ocupação no plenário da Câmara e do Palácio do Palácio do Planalto. Em 2018, se tornou a primeira pessoa indígena em uma chapa, para a eleição de presidente. Foi

Foi vice do candidato Guilherme Boulos os dois pelo psol.

Sônia vem demarcando o cenário político brasileiro a duas décadas, sempre fazendo política ao se articular, ao se posicionar e ao levar a voz dos indígenas, ao resto da população e as pessoas que tem um poder mais direto, na criação de políticas públicas.



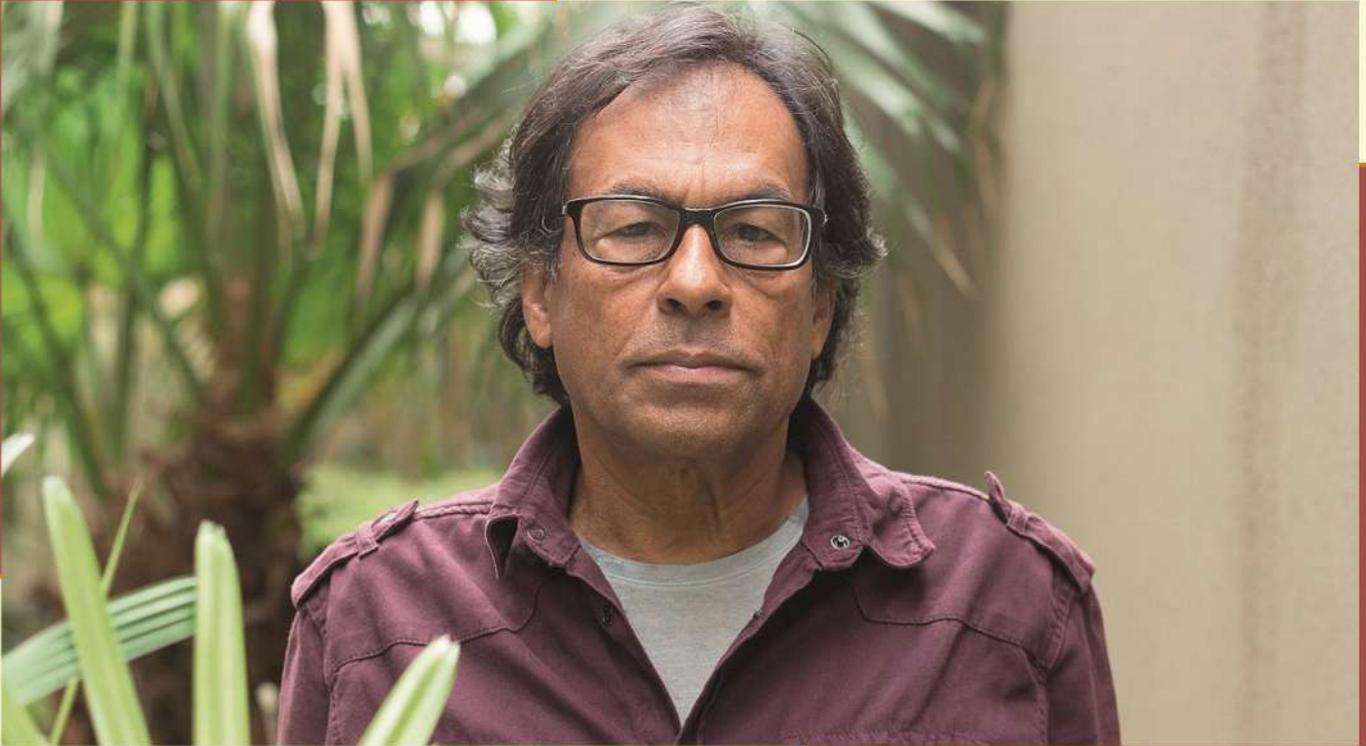
**Nós defendemos a vida, nós defendemos a nosa identidade. E nós vamos derramar até a última gota de sangue para defender nosso território.**

### 4.3 Ailton Krenak

Ailton Krenak é um escritor, ambientalista e líder indígena. Ingressou no movimento indígena em 1985, quando fundou a organização não governamental Núcleo de Cultura Indígena. Em 1987, em um dos momentos mais marcantes de sua vivência política, durante a assembleia constituinte ele discursou pedindo respeito aos povos indígenas, e o direito deles a terra, tudo isso enquanto passava a tinta do jenipapo, em seu rosto como forma de protesto. Em 1988 foi um dos fundadores da União dos Povos Indígenas. E seguiu sempre participando de movimentos em prol da luta indígena.

Ailton tem 3 livros publicados “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo” “O Amanhã Não Está À Venda” e “A Vida Não é Útil”, em todos eles ele traz a discussão sobre como a forma europeia de encarar a vida não é a única, e os danos que essa visão trouxe sobre as sociedades colonizadas. Ele com certeza traz um ponto de vista anticapitalista, mas como o mesmo já defendeu, não precisamos viver como se as únicas formas de organizar a sociedade fossem europeias, o capitalismo e o comunismo. A maior prova disso são os povos indígenas, que viveram séculos sem esses dois conceitos, e ao conhecê-los só encontraram dor e destruição.

E é exatamente essa nova (para os não-indígenas) visão sobre a organização da sociedade, que mais chama a atenção no trabalho de Krenak. É curioso pensar, que precisamos de alguém que nos diga “a sociedade não precisa de tanto”.



**Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar.**

## 4.4 Raoni Metuktire

Conhecido popularmente como Cacique Roni, é um ícone do movimento indígena brasileiro e talvez o indígena brasileiro mais famoso também. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento, mas provavelmente foi por volta de 1930, porém ele e sua comunidade, iriam ter seu primeiro contato com não indígenas em 1954, quando teve contato com os irmãos Villas Boas. Foi quando aprendeu o português e começou a ter conhecimento, das ameaças que os indígenas sofriam. Ele já usava seu labret, o chamativo disco de madeira no lábio inferior.

Sua militância começa pouco tempo depois do primeiro contato com não-indígenas, no final dos anos 50 ele já estava encontrando o presidente Juscelino Kubitschek, e o rei Leopoldo III da Bélgica em 1964. Em 1978 com a direção do Belga Jean-Pierre Dutilleul e o cineasta brasileiro Luiz Carlos Saldanha o documentário Raoni, onde ra contada toda a luta dele até o momento, o documentário foi indicado ao Oscar, ajudando a ampliar sua voz. Em 1984 ele negocia com o então ministro do Interior Mario Andreazza a demarcação de territórios indígenas.

Partindo para um momento em que sua luta iria viajar pelo mundo, em 1987 ele conhece Sting ex-guitarrista da banda The Police, que em 1989 iria sair em turnê com ele, com a intenção de levar as pautas indígenas pelo mundo, a ele visitou mais de 17 países. Em 2000 se articulou contra a construção da usina hidrelétrica de belo monte.

Um pouco afastado dos olhos públicos mas sempre envolvido com as pautas indígenas, em 2019 ele retorna para uma viagem a Europa com a intenção de buscar reforços para a proteção da Amazônia. Ele foi recebido pelo presidente francês Emmanuel Macron, Papa Francisco, por Felipe Leopoldo rei da Bélgica, e passou por mais uma série de encontros.

No ano de 2020, Raoni enfrentou a perda de sua esposa, uma infecção intestinal e a contaminação por covid-19. Toda sua vida foi guiada pela luta por seu povo, porém sempre com o apoio de não indígenas, união de enorme importância. Ele é e sempre vai ser, um exemplo para todos que acreditam em uma sociedade pacífica e diversa.



**Precisamos proteger a cultura  
de nossos antepassados, em  
conexão direta com a natureza.  
Uma luta pela vida.**

# Metodologia

A construção do trabalho se deu, por meio da pesquisa qualitativa, utilizando dados disponíveis de pesquisas bibliográficas.

Como visava-se encontrar as relações entre conhecimento ancestral indígena (arquitetura), primeiro foi explorado as diferentes variações e significados do mesmo, sua relação com divergências entre estado e povos originários. Consultando materiais de arquitetos e urbanistas que descreveram de forma técnica sobre o tema, e também relatos de indígenas sobre sua cultura.

Em um segundo momento ao compreender essa arquitetura, como um conhecimento e potencial indígena, foi apresentado a forma como se estabelece os povos indígenas e a educação no Brasil, se propondo a demonstrar as dificuldades e empecilhos. Onde se apresentou uma falta de dados numéricos sobre o assunto, se utilizando de estudos de caso para demonstrar essas dificuldades, além de demonstrar através de leis direitos já garantidos por lei, em contra ponto a realidade.

Por fim, mostrou necessário mostrar um pouco da forma como o autor acredita na forma de mudança da realidade indígena no Brasil, e também de focar em estudos de indígenas, engajados nas diferentes demandas do povo indígena no Brasil.

# Moda e Arquitetura Indígena

Muito se questiona se é possível realmente fazer algo novo na moda atual, e se o novo de hoje não seria pequenos pedaços de criações passadas que juntas se tornam algo novo, mas isso pode ser considerado avant-garde? É impossível não ser influenciado por tudo que já aconteceu na moda, mas existem criadores como Yohji Yamamoto, Kenzo Takada e outros que conseguem trazer visões tão únicas, que realmente podemos chamar seu trabalho de avnat-garde.

Definitivamente é uma questão a se refletir. Rei Kawakubo uma das estilistas mais respeitadas da moda atual, e conhecida por um pensamento totalmente disruptivo, já deu sua posição sobre novas criações nos dias atuais.

“Todos os tipos de formas de expressão estão se espalhando por todo o lugar, a informação está transbordando, e é cada vez mais difícil ficar entusiasmado com qualquer coisa. A fim de ser estimulado ou sensibilizado no futuro, provavelmente teremos que ir ao espaço e olhar para o nosso mundo de lá”

(Rei Kawakubo, 2020)

Os três nomes citados até agora fizeram suas carreiras no ocidente, porém trazem totalmente uma influencia de seu país de origem, o Japão. Eles foram escolhidos para iniciar esse texto, porque fizeram o mesmo que esse trabalho se propõem a fazer no campo da moda, criar algo novo, usando de referencias culturais de seu país de forma não estereotipada. E definitivamente com muito respeito, pois a cultura indígena está no nosso país, mas quem desenvolveu o presente trabalho é branco.

Também é uma forma de se posicionar, que somos criadores brasileiros, latino americanos. Assim como os estilistas que fizeram parte do japonismo no final dos anos 80, não somos europeus e se desejarmos ser como eles, ficaremos sempre em um limitado circulo de tentativas e falhas. Querer criar sem ter influencias de sua cultura, é impossível, não existe. Então o que se deve fazer, é se orgulhar dessa origem.

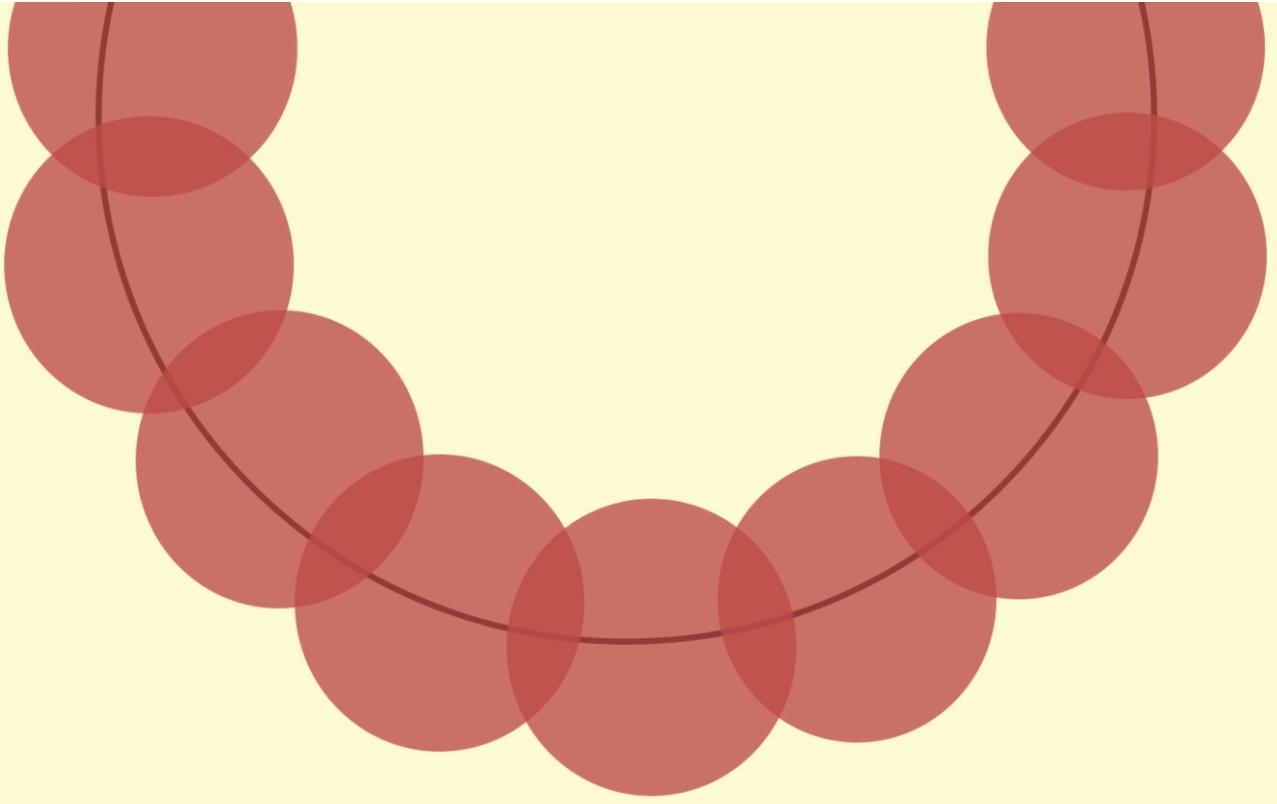
# Realese



A construção dessa coleção, foi um processo muito intenso de pesquisas, questionamentos, e reflexões se estava sendo construído um trabalho, realmente respeitoso ao tratar de uma cultura que está em meu país, mas que não é a minha cultura.

Mas mesmo com esses questionamentos, as ideias que guiaram a coleção, sempre foram nítidas. Desenvolver uma nova perspectiva de design no campo da moda, a partir da inspiração pela arquitetura indígena.

As ideias que permeiam essa coleção, não começaram com ela, afinal a arquitetura indígena é um conhecimento ancestral desses povos, e definitivamente não terminam com ela, pois se os direitos indígenas, ainda tem um grande caminho até estarem totalmente concluídos e efetivos em nosso país. As inovações no campo da moda serão sempre, um desafio a quem se propõem a criá-las.



---

**Painéis**

# O que são painéis ?

São uma coletânea de referências visuais que servem de guia e inspiração, durante a criação de uma coleção de moda, uma identidade visual ou outras criações que visam a estética e a imagem. Também são conhecidos como moodboard. Em seguida, além dos painéis que guiaram essa coleção, uma breve explicação estará incluída.

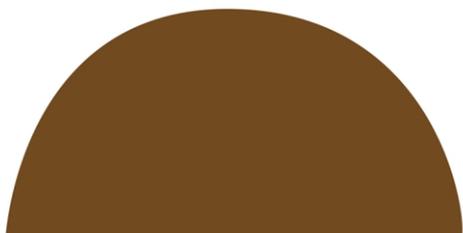
Painel de inspiração: As formas da maloca (casa indígena), a estrutura e a textura das mesmas, foram os principais elementos retirados do tema.



Cartela de cores: Os tons quentes que compõem a coleção, foram retirados do painel de inspiração, sendo tons harmônicos entre si.

28

### Cartela de Cores



Pantone 18-1050  
Cor 01



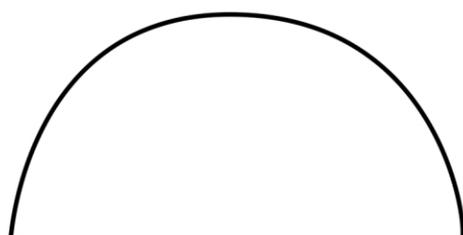
Pantone 18-1450 tcx  
Cor 02



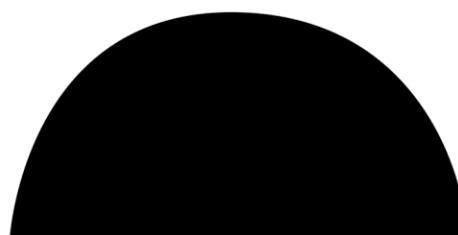
Pantone 14-0857 tcx  
Cor 03



Pantone 13-0822 tcx  
Cor 04



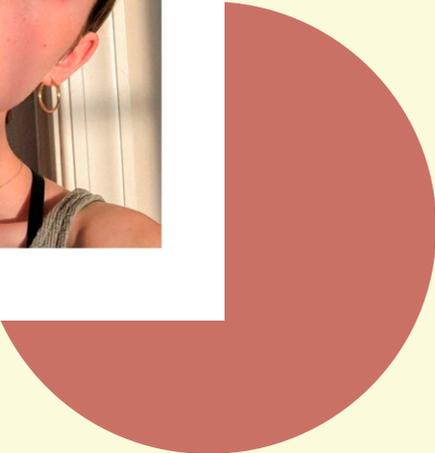
Pantone 11-4002 tcx  
Cor 05



Pantone 19-0303 tcx  
Cor 06



Painel de Público Alvo



**Estilo de Vida:** O público dessa coleção leva uma vida urbana, se encontra e tem uma influência forte de estar em um relacionamento, mas também muito focada em cuidar de si mesma, então ela ama ir a praia, skin care, jardinagem, e mais uma característica é o gosto por arte.

### Painel Estilo de Vida



**Cartela de Tecidos: Todos os tecidos são de fibras naturais, proporcionando uma boa respirabilidade e conforto.**

**30**

### Cartela de Tecidos



**Malha de Algodão**  
100% algodão



**Crepe Georgette**  
100% seda



**Linho Clássico**  
100% linho



**Gazar**  
100% seda

**Cartela de Aviamentos:** A maioria dos aviamentos são funcionais, mas sempre levando a estética em consideração. As sementes de açaí e a linha de meada, se destacam sendo não funcionais.

### Cartela de Aviamentos



Entretela termocolante  
100% algodão



Zíper 10 cm  
100% poliéster



Fio de Meada  
100% algodão orgânico



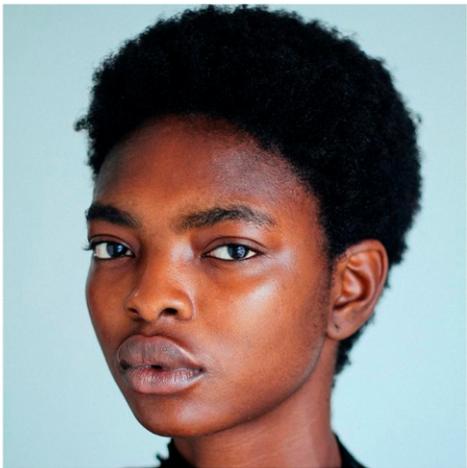
Botão Bambu 31mm  
100% bambu



Conta Açaí  
100% semente de açaí

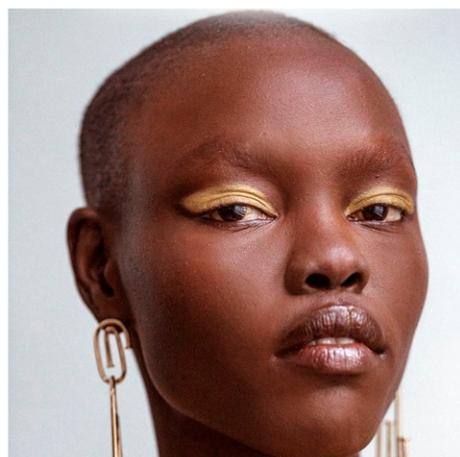
Painel de Cabelo: O cabelo vem com uma proposta super natural, valorizando a textura própria de cada pessoa.

Painel de Cabelo



Painel de Maquiagem: A maquiagem vem trazendo comoreferencia formas orgânicas, com uma proposta menos comercial e mais criativa.

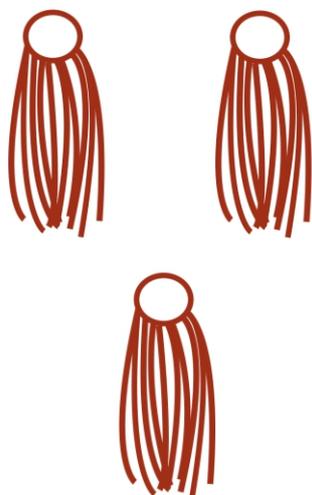
Painel de Maquiagem



**Cartela de Estampa/Bordado:** Essa coleção conta com uma estampa e dois bordados, a estampa é uma referência as técnicas indígenas de artesanato, para a construção de cestos e outros artigos. O bordado vem da palha que cobre toda a maloca, sendo pequenos tufo de fios aplicados em pontos da roupa. O outro bordado é a forma das malocas, feita por sementes de açaí. Fazendo também uma relação com o artesanato indígena realizado com contas, comum em várias etnias brasileiras.

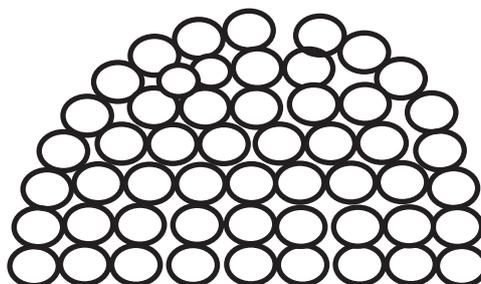
### Cartela de Estampa/Bordado

Estampa  
textura



Bordado Palha

Bordado Maloca



Painel de Acessórios



**Painel de Tendências: São uma coletânea de tendências que entendemos que fazem sentido dentro da nossa proposta, trazemos tons terrosos, cintura ampla e peças de alfaiataria. As marcas que utilizamos para representar essas tendências foram Hermès e a Chloé..**

### Painel de Tendências



Hermès  
2020



Cholé  
2020



Cholé  
2020

**Estilo: O estilo é mais casual, com alguns toques minimalistas e um pouco de alfaiataria também.**

**37**

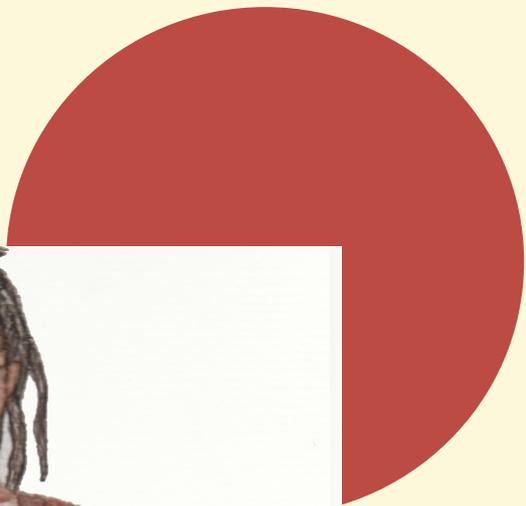
**Painel de Estilo**

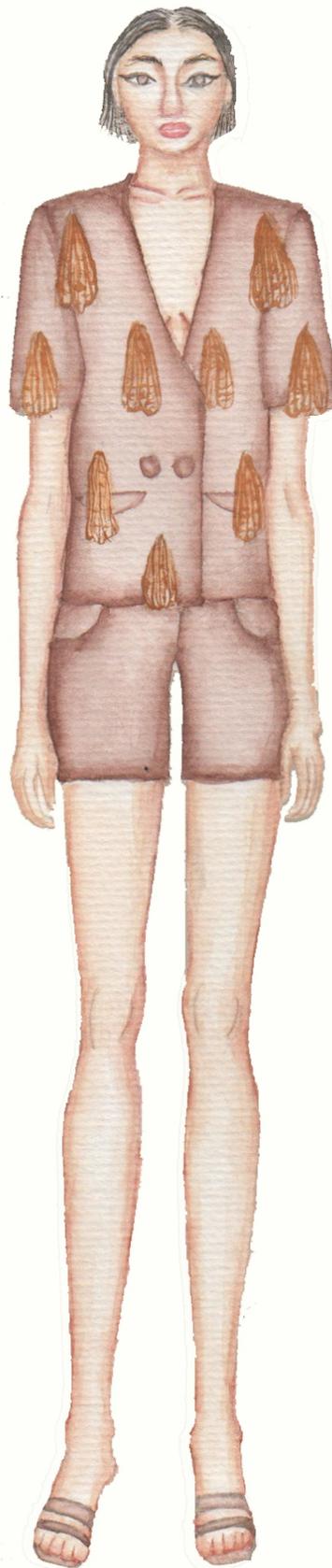
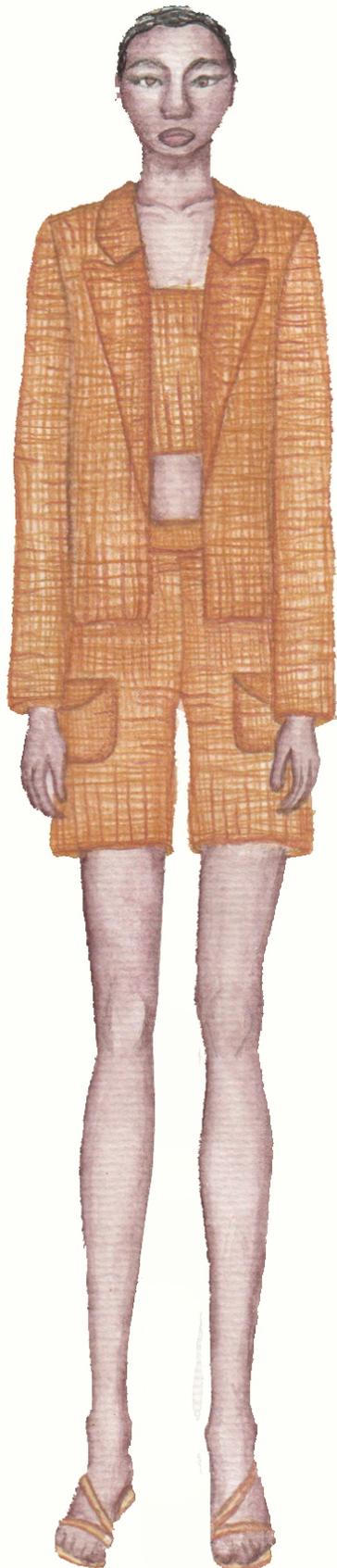


**Coleção**

---



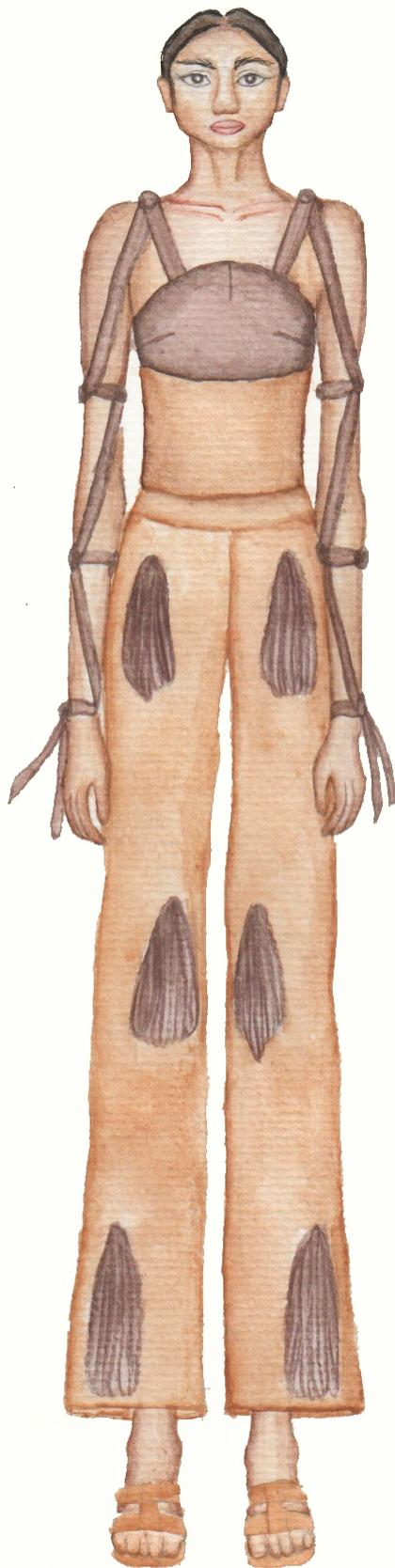


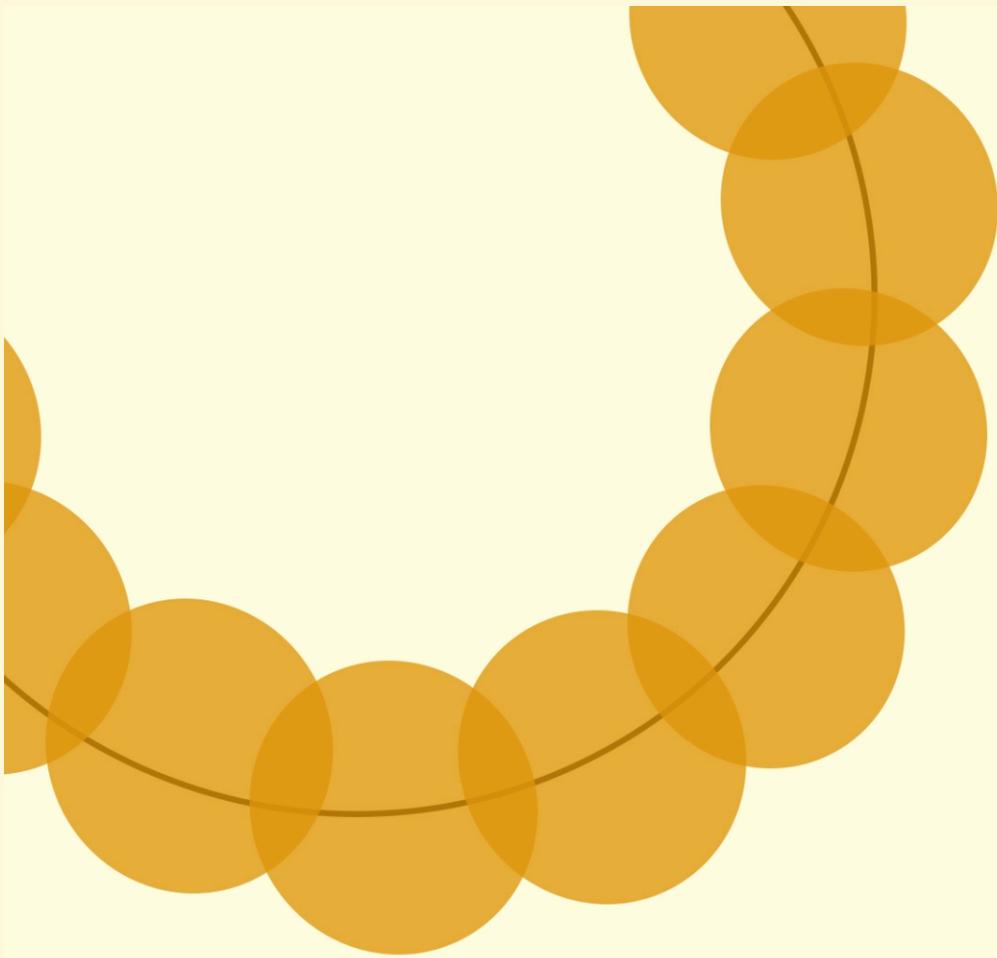










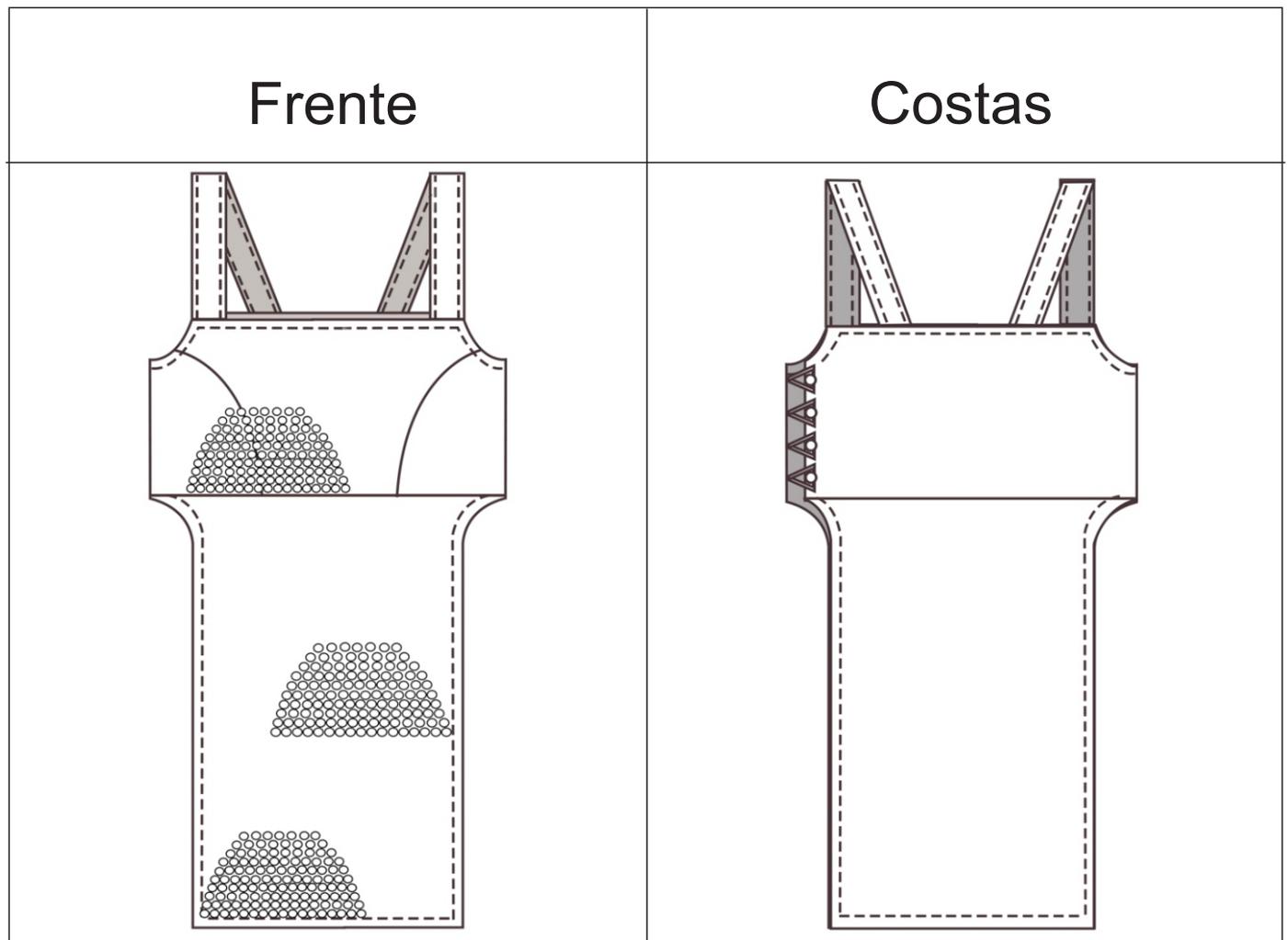


# **Fichas Técnicas**

---

# Ficha Técnica

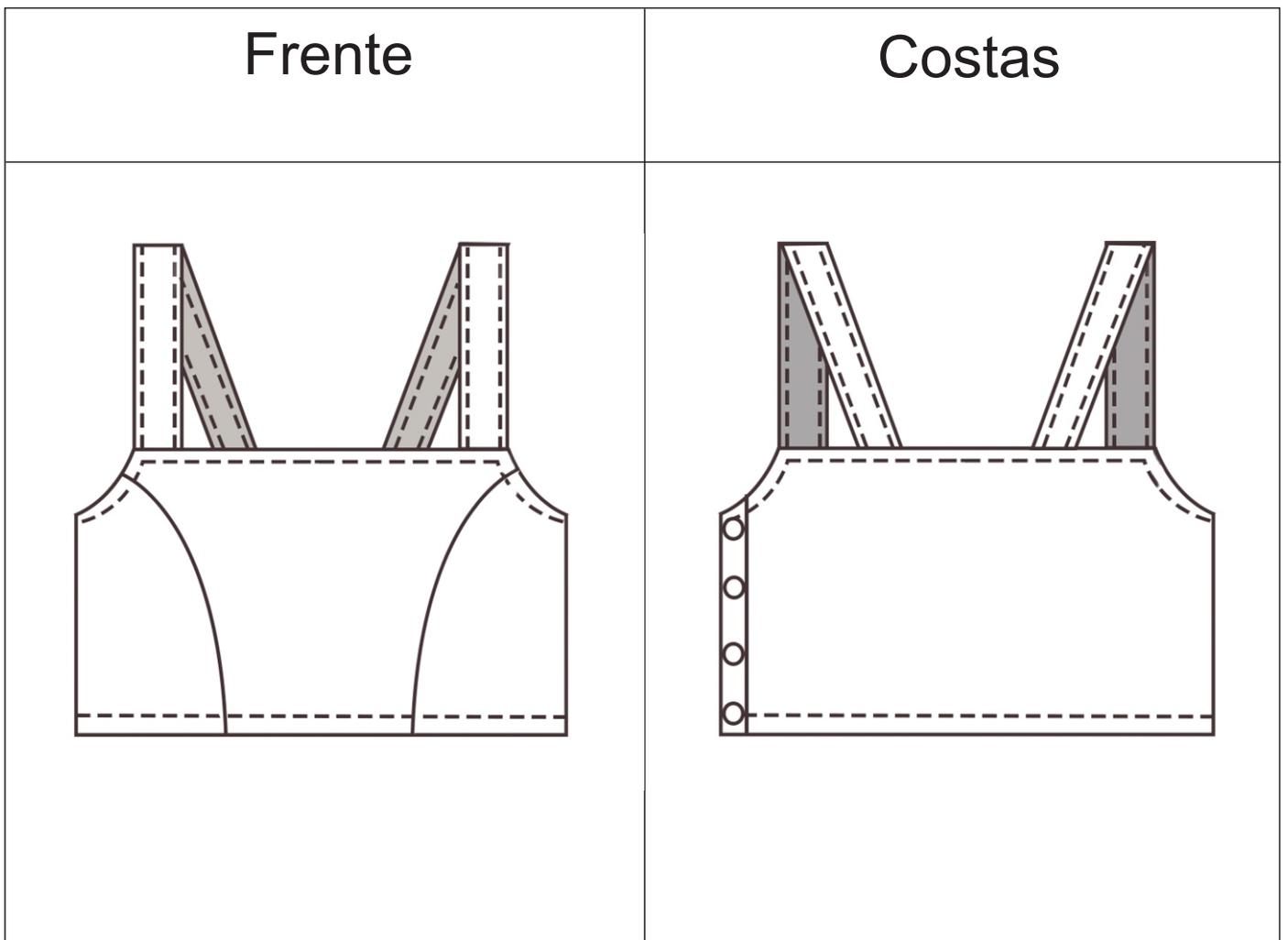
Nome	Blusa Reta Alongada	Coleção	Verão 2021
Referência	BL-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	Caramelo-03	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

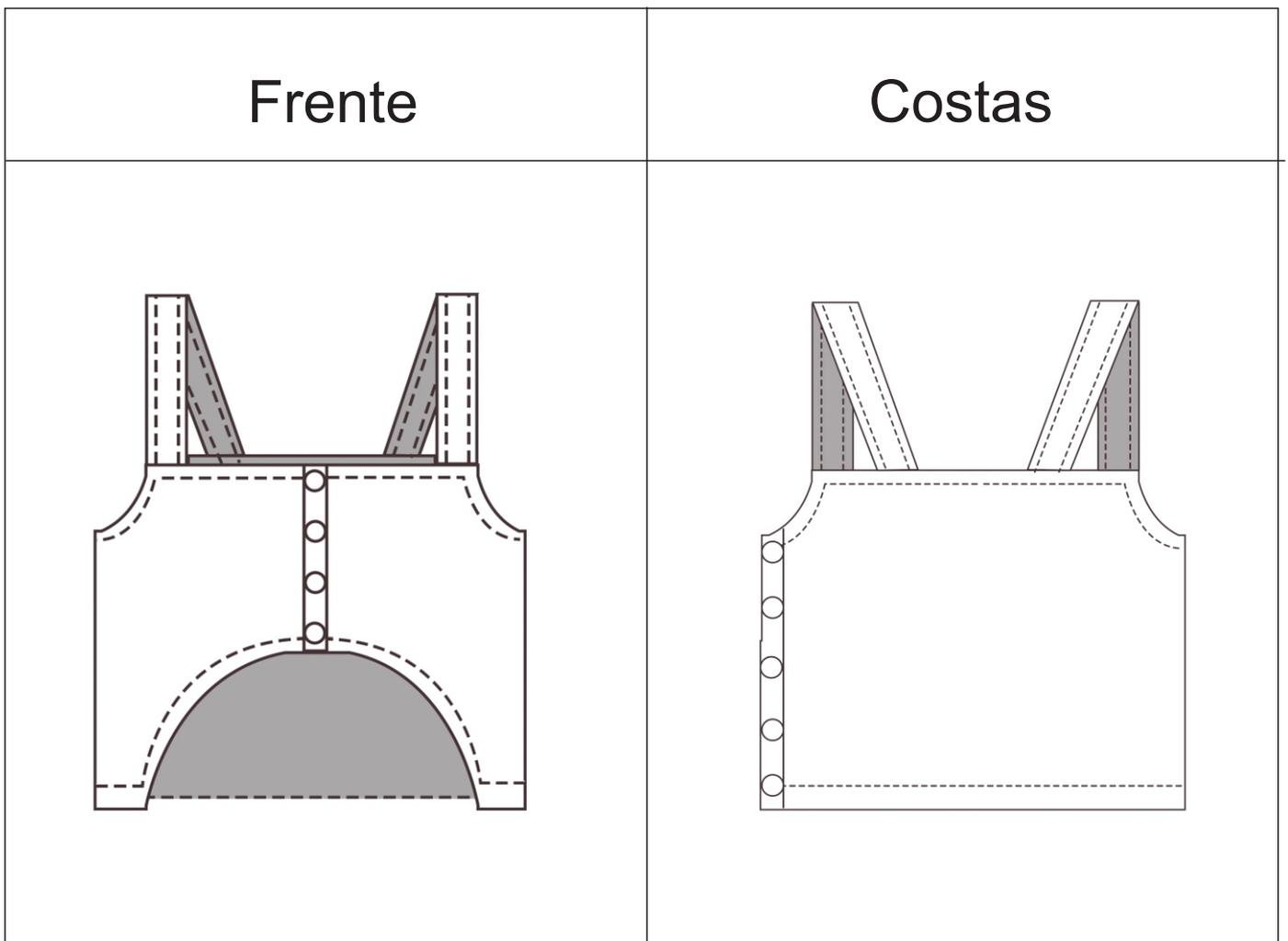
Nome	Blusa Reta	Coleção	Verão 2021
Referência	BL-2	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

Nome	Blusa reta botões	Coleção	Verão 2021
Referência	BL-13	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

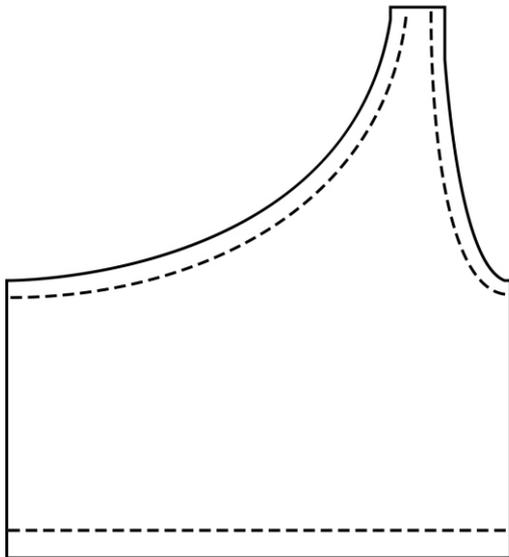


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Caramelo-03	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

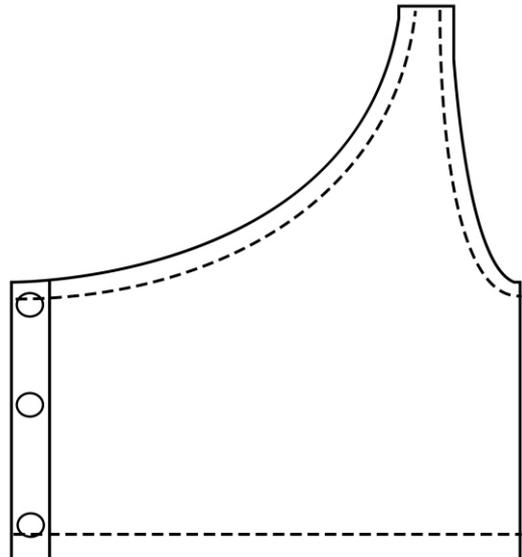
# Ficha Técnica

Nome	Blusa manga única	Coleção	Verão 2021
Referência	BL-4	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

Frente



Costas

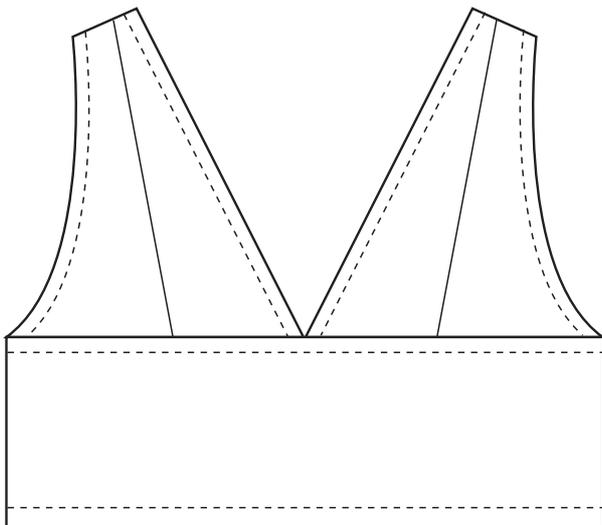


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Amarelo-04	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

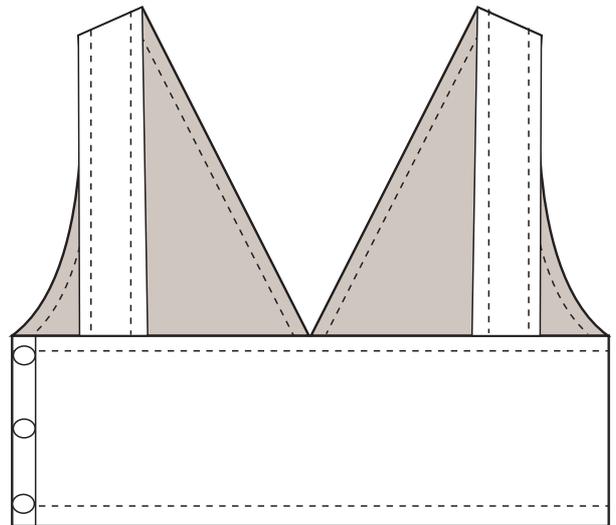
# Ficha Técnica

Nome	Top com botões	Coleção	Verão 2021
Referência	BL-5	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



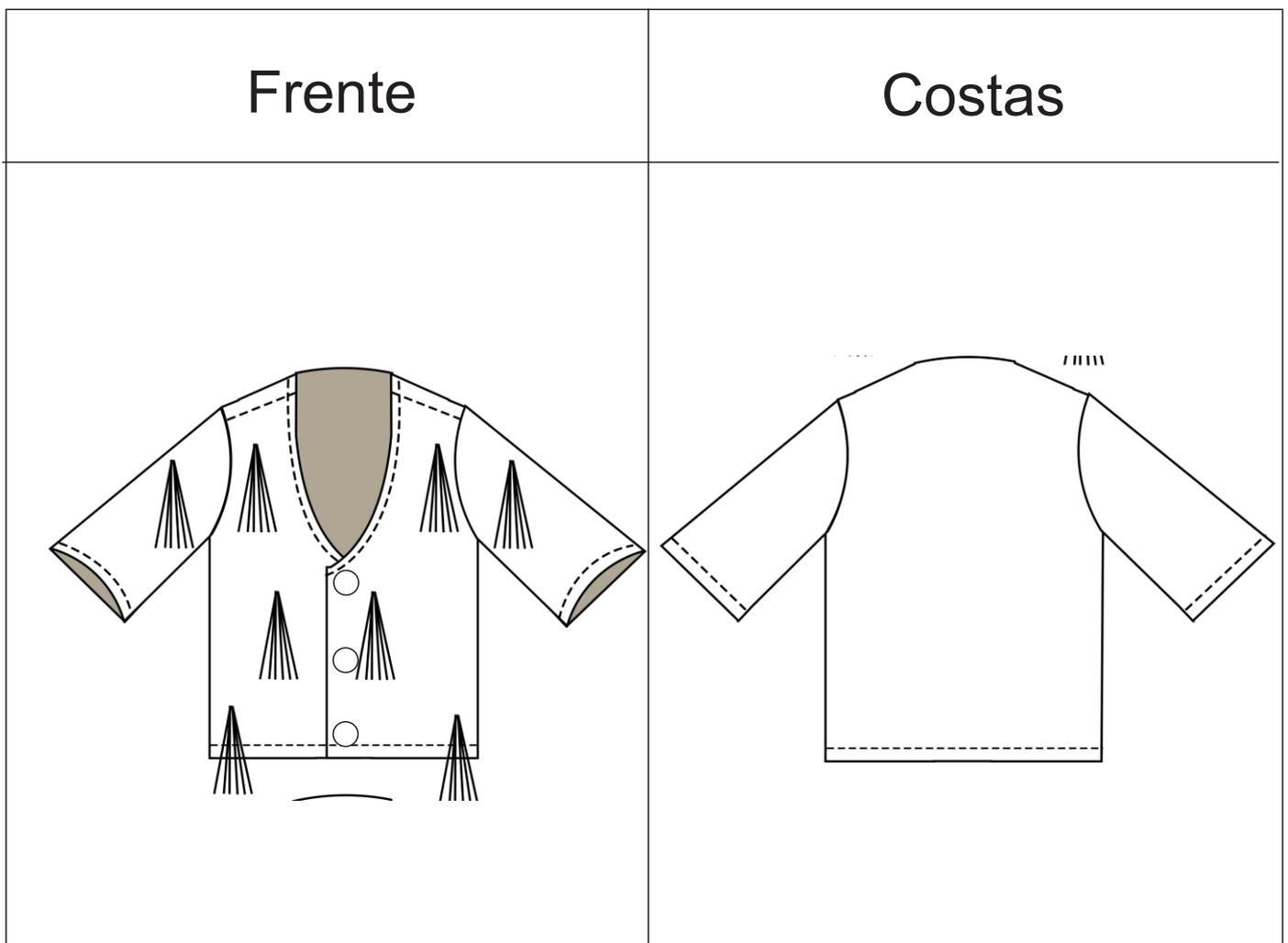
## Costas



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Malha de Algodão	100% algodão	Marrom-01	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

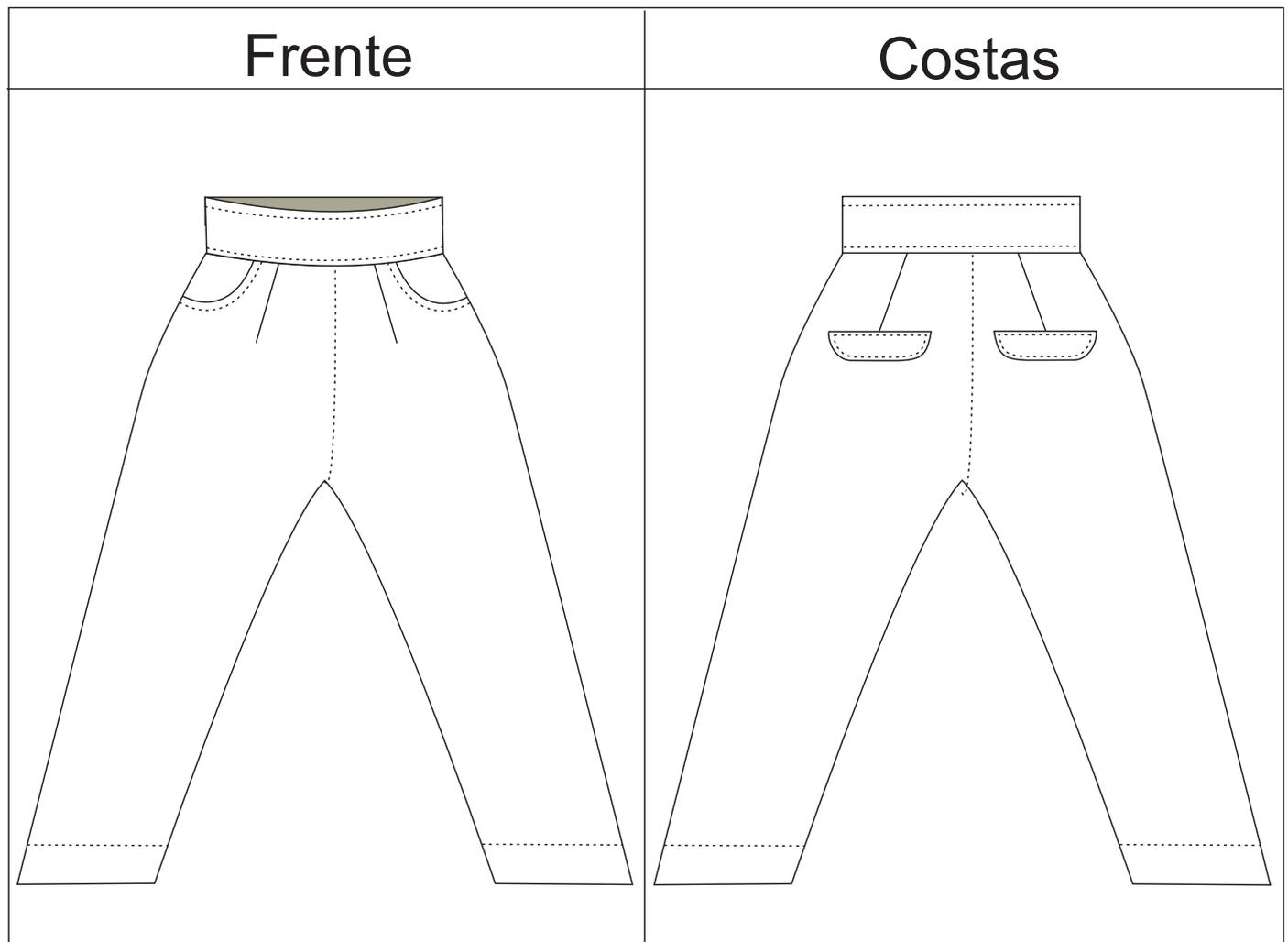
Nome	Macacão Reto	Coleção	Verão 2021
Referência	MAC-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

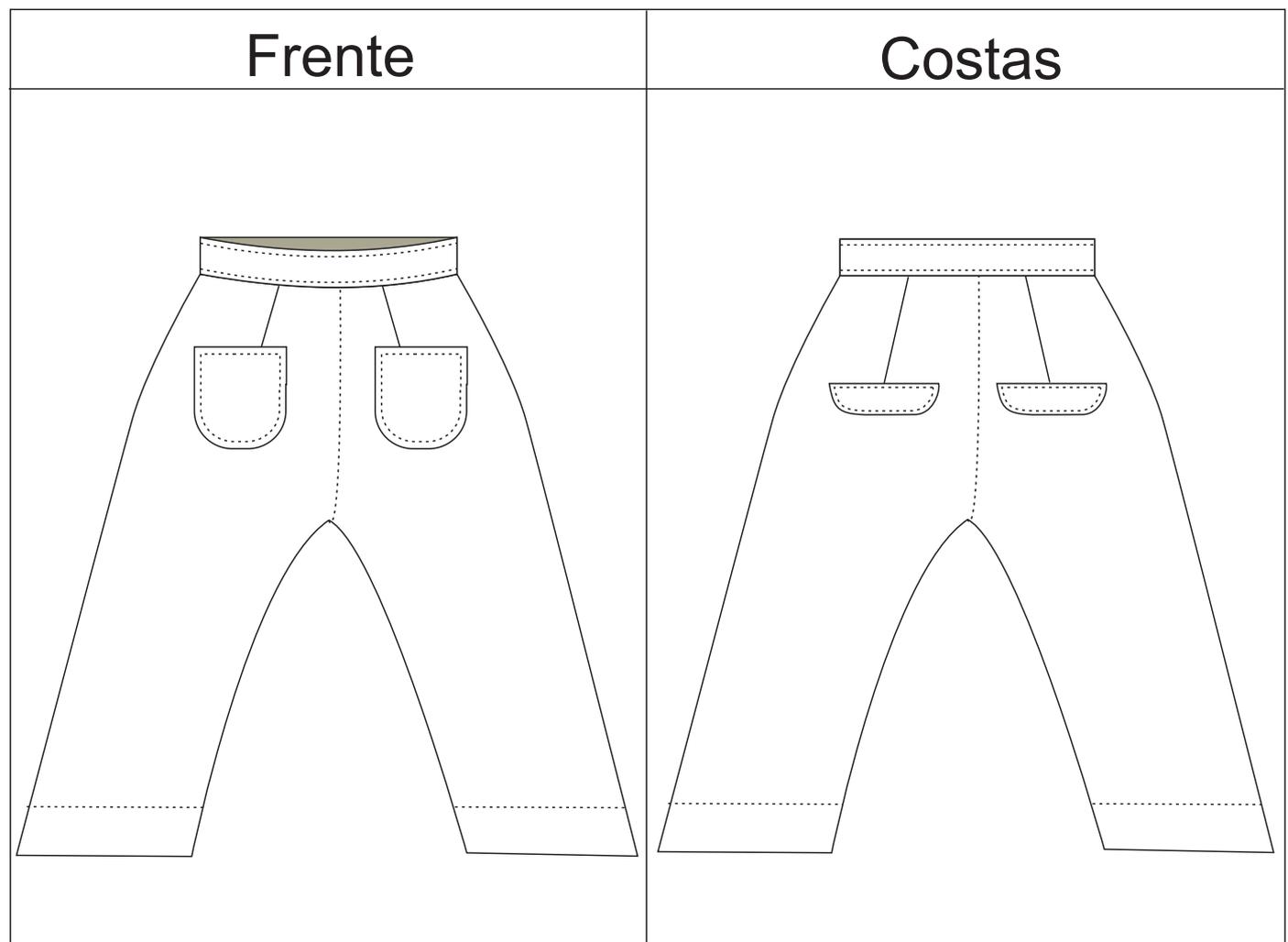
Nome			Coleção	Verão 2021
Referência			Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho			Modelista	Enzo Rodrigo
			Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos				Tecidos & Co
Aviamentos				Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

Nome	Calça bolso na frente		Coleção	Verão 2021
Referência	Cal-2		Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38		Modelista	Enzo Rodrigo
			Data	12/10/2020

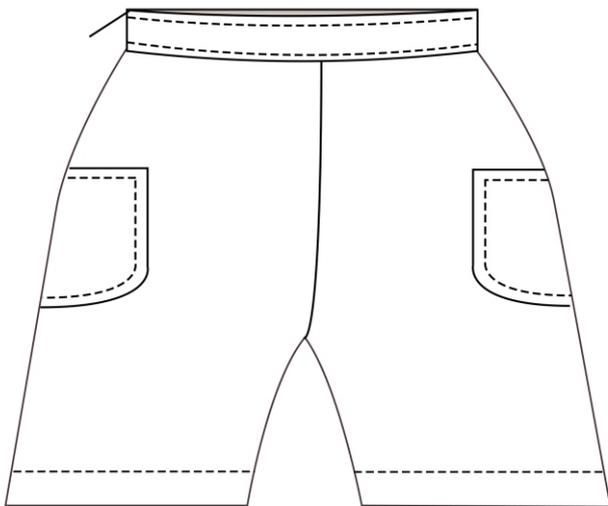


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Amarelo 04	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Amarelo 04	Aviamentos & Co

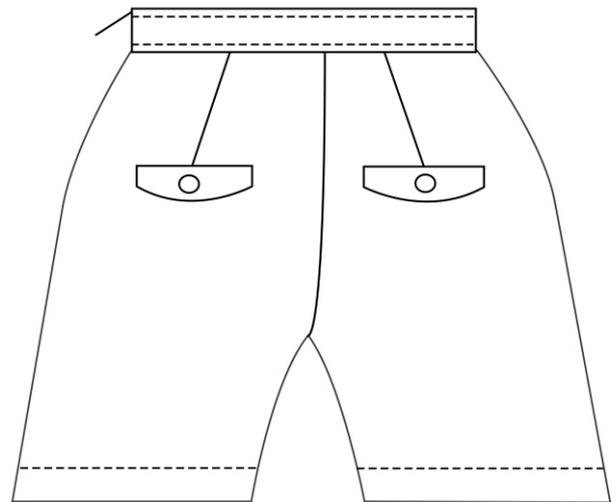
# Ficha Técnica

Nome	Short Reto 1	Coleção	Verão 2021
Referência	SH-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



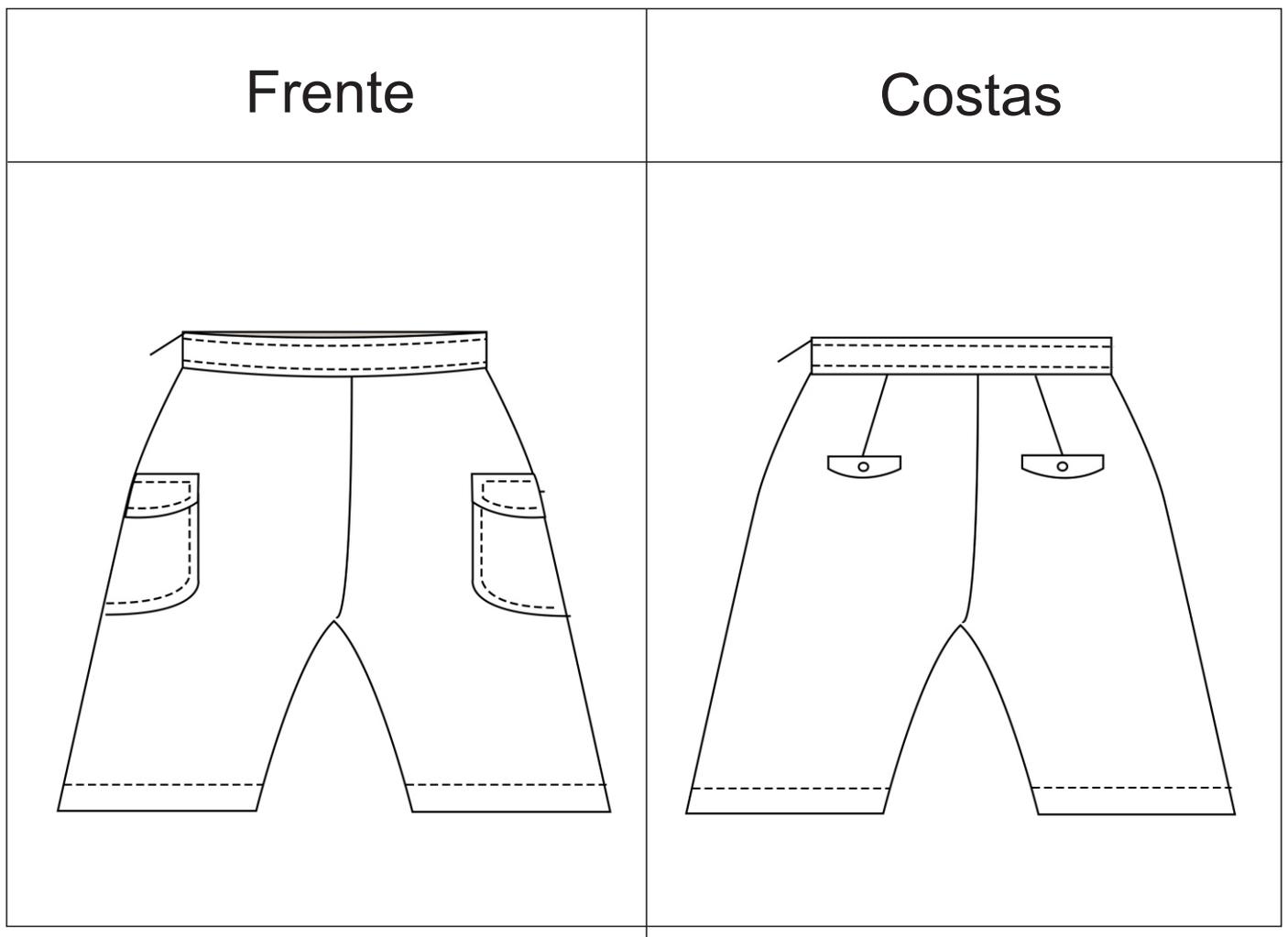
## Costas



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	Marrom 01	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Marrom	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

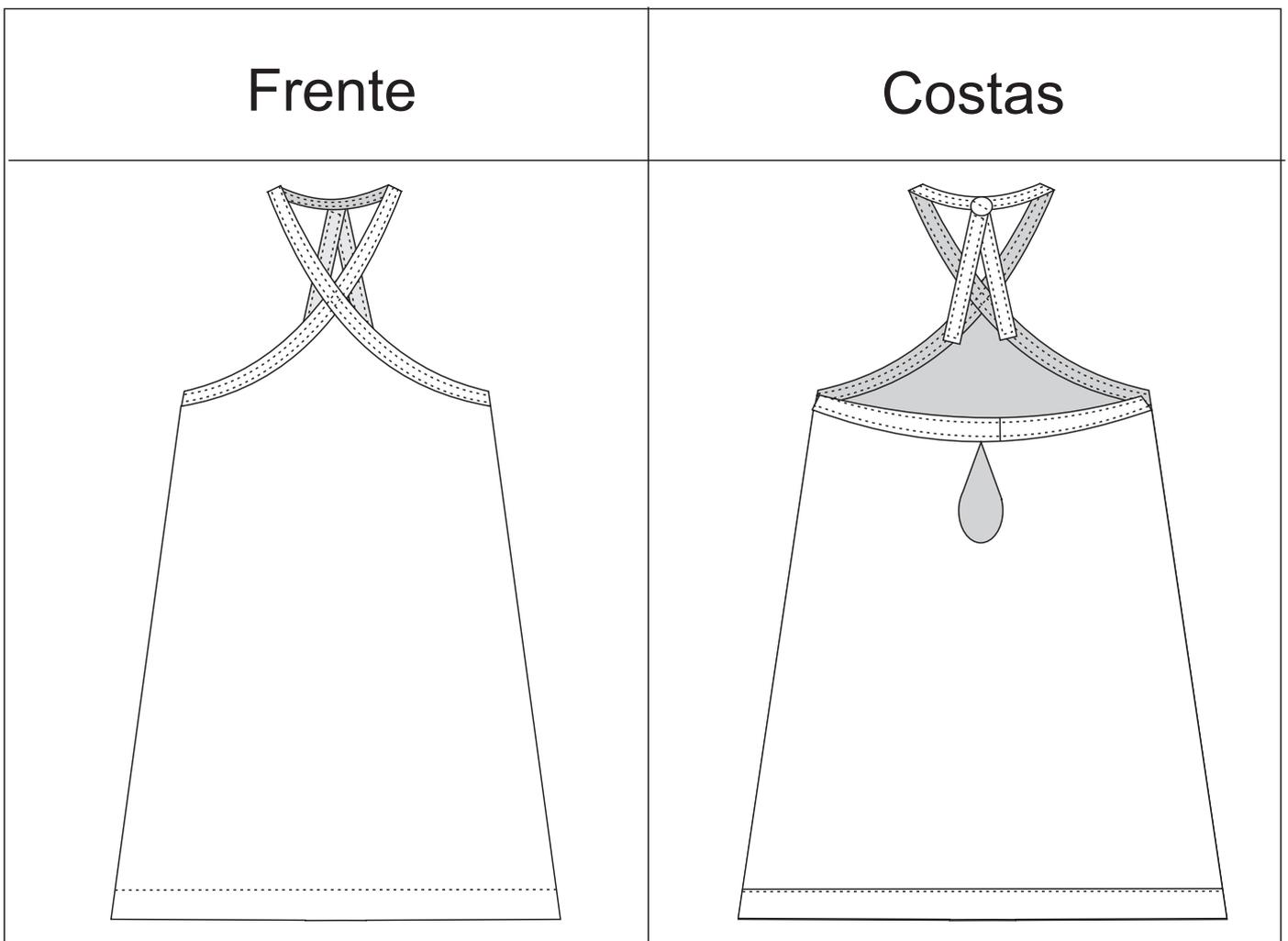
Nome	Short Reto 1	Coleção	Verão 2021
Referência	SH-2	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Marrom	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

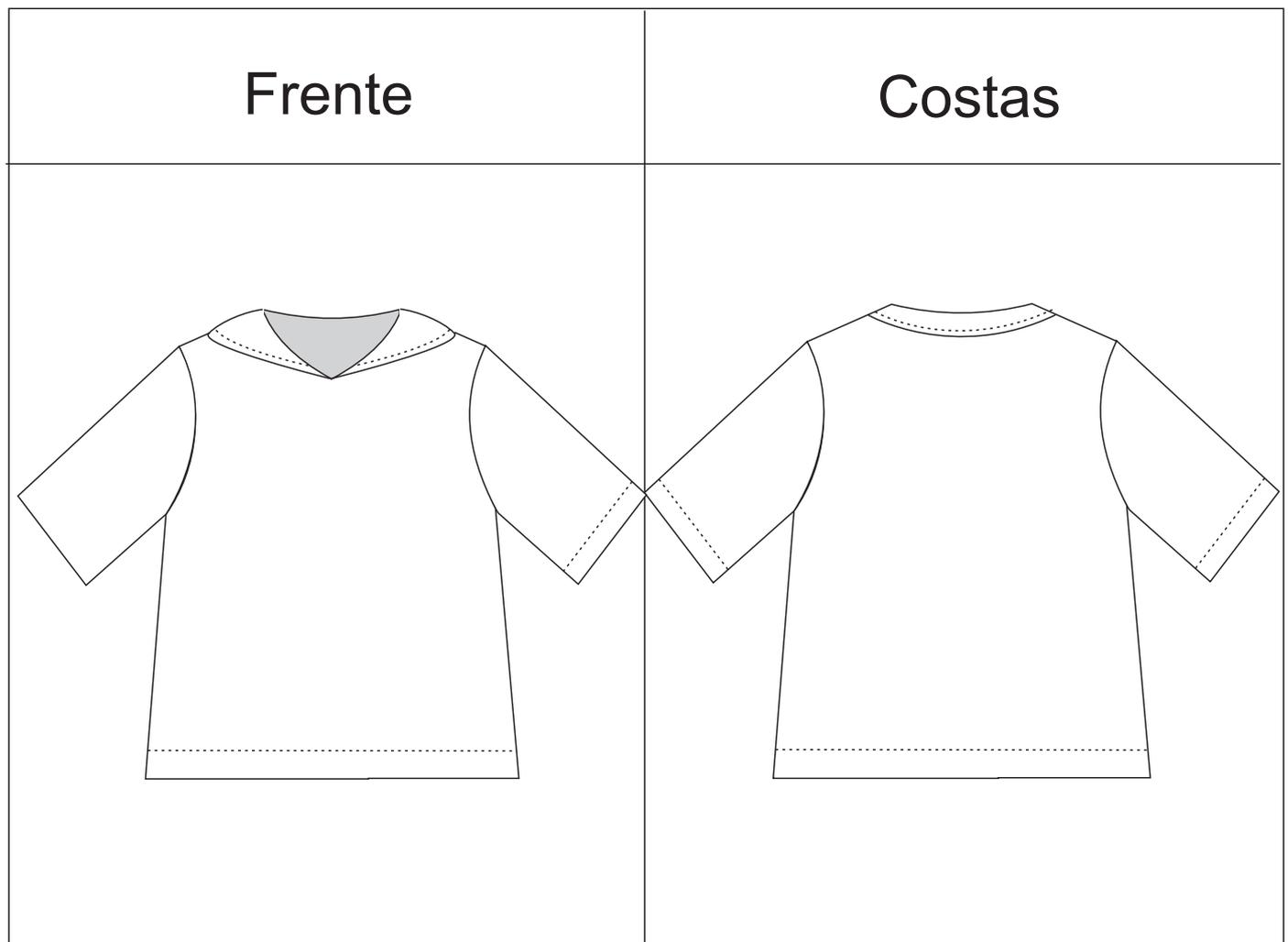
Nome	Sobreposição Reta	Coleção	Verão 2021
Referência	SOB-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Gazar	100% seda	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos				

# Ficha Técnica

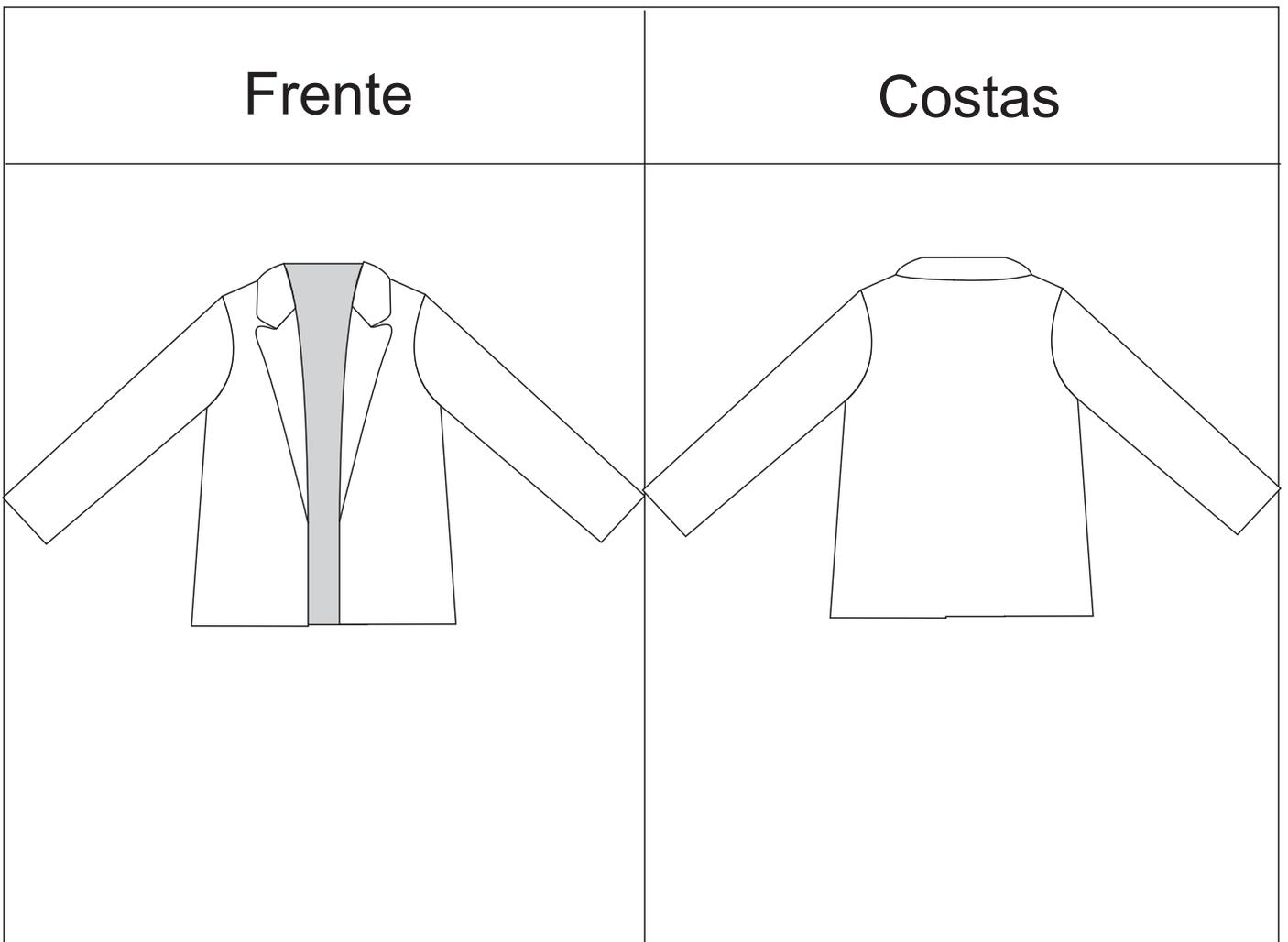
Nome	Camisa Sobreposição	Coleção	Verão 2021
Referência	SOB-2	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Gazar	100% linho	Marrom 01	Tecidos & Co
Aviamentos				

# Ficha Técnica

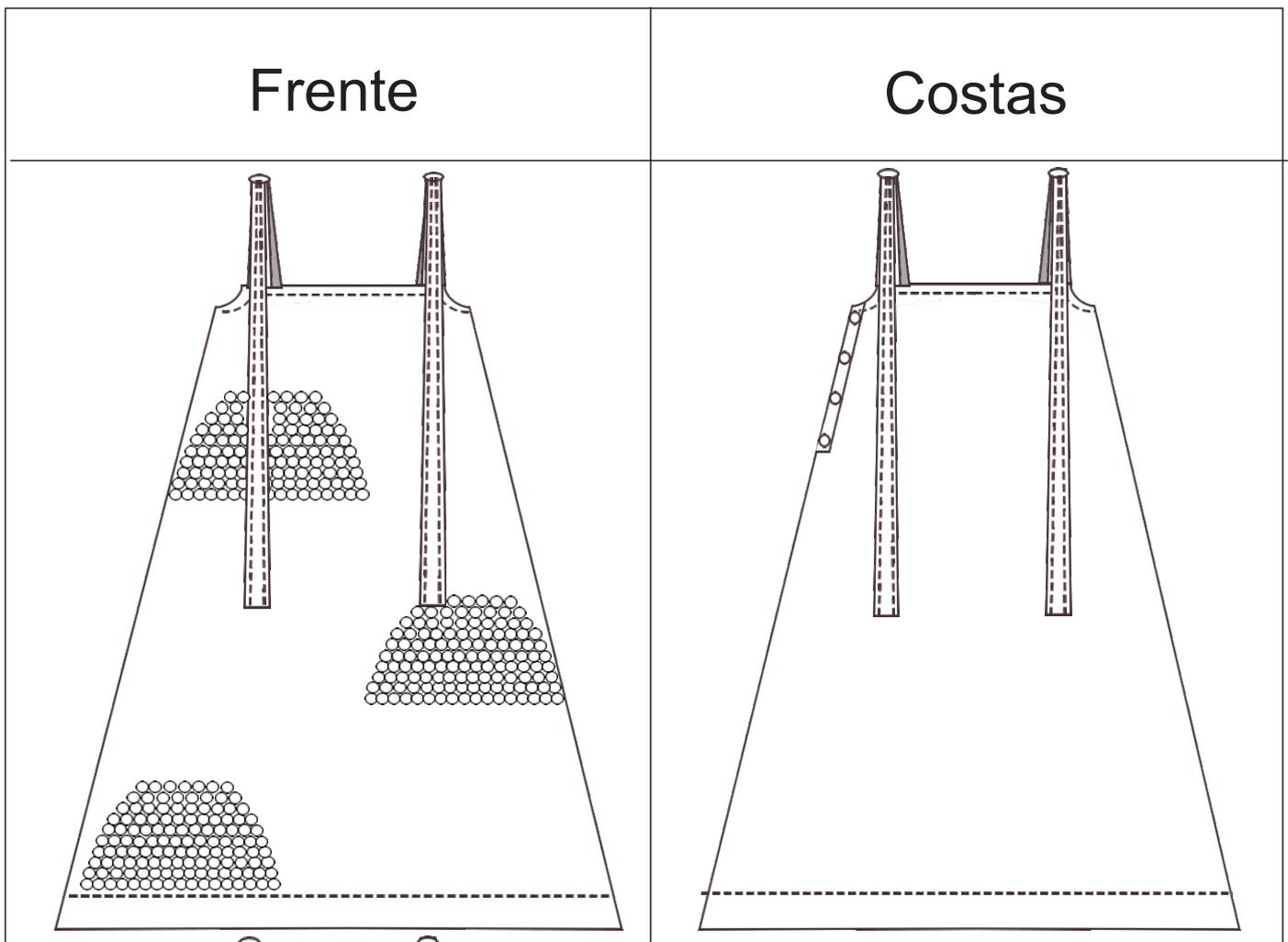
Nome	Blazer	Coleção	Verão 2021
Referência	SOB-3	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	Marrom 01	Tecidos & Co
Aviamentos				

# Ficha Técnica

Nome	Vestido Reto	Coleção	Verão 2021
Referência	VES-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

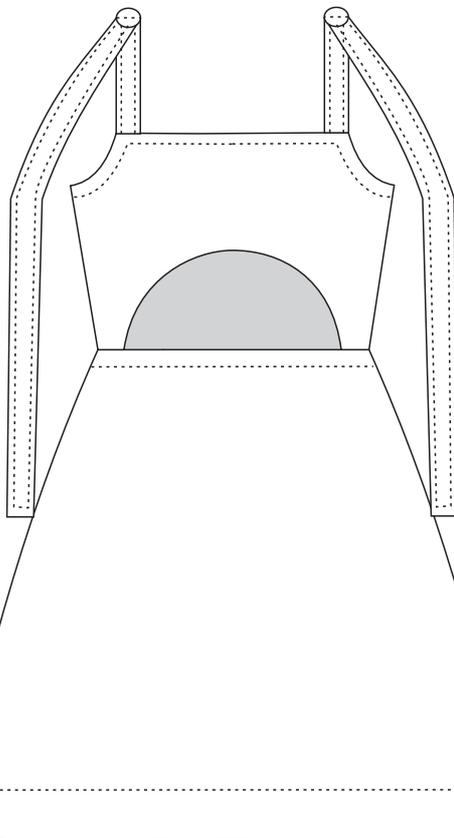


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

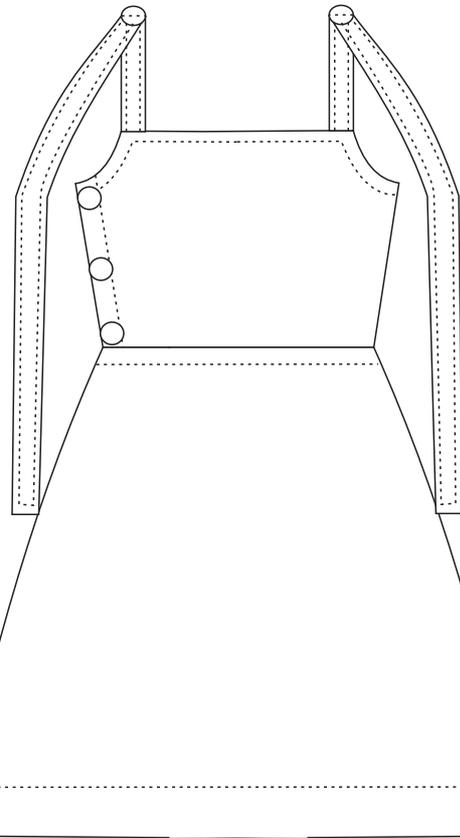
# Ficha Técnica

Nome	Vestido Recortado	Coleção	Verão 2021
Referência	VES-2	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



## Costas

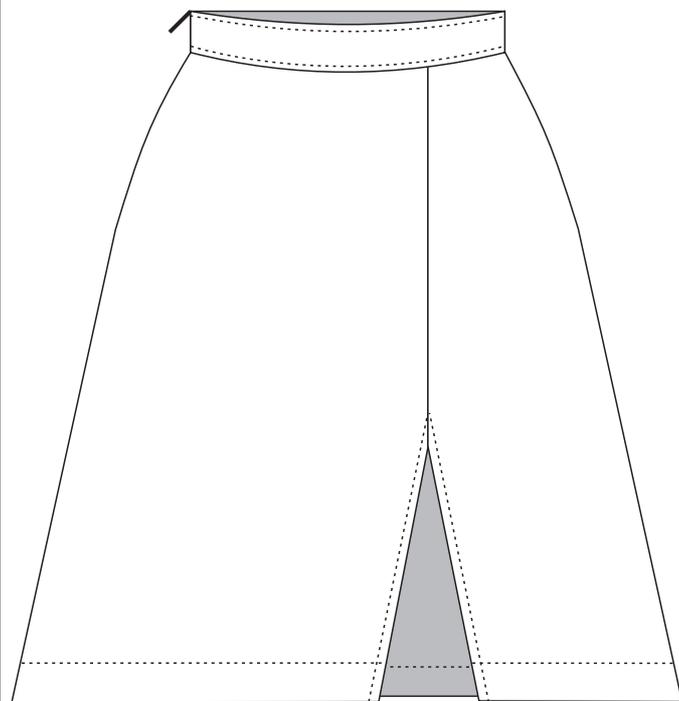


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co

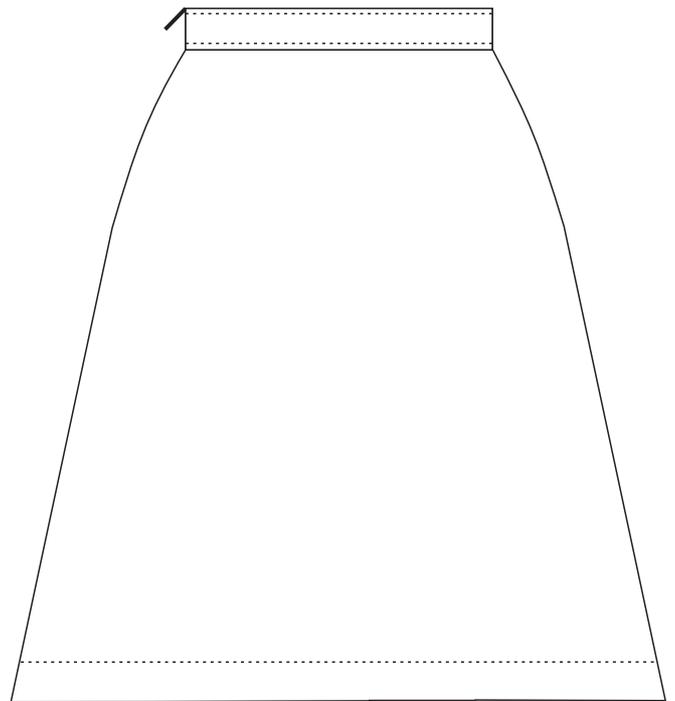
# Ficha Técnica

Nome	Saia reta	Coleção	Verão 2021
Referência	SA-1	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



## Costas

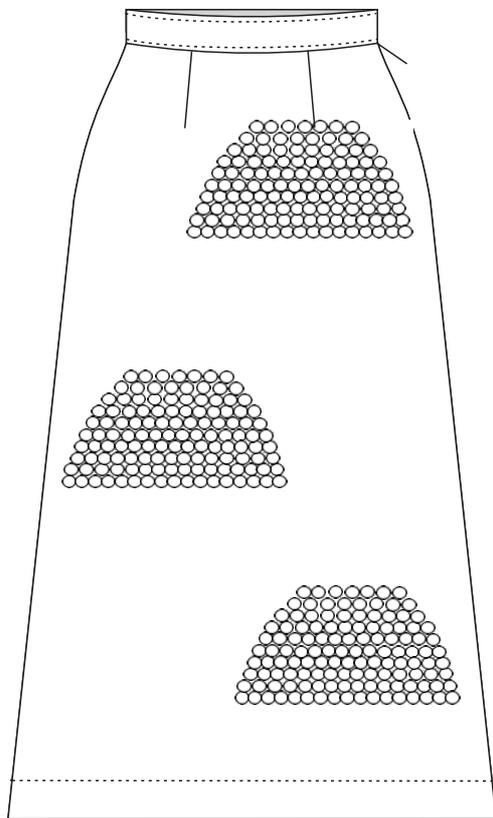


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Estampa textura	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Marrom 01	Aviamentos & Co

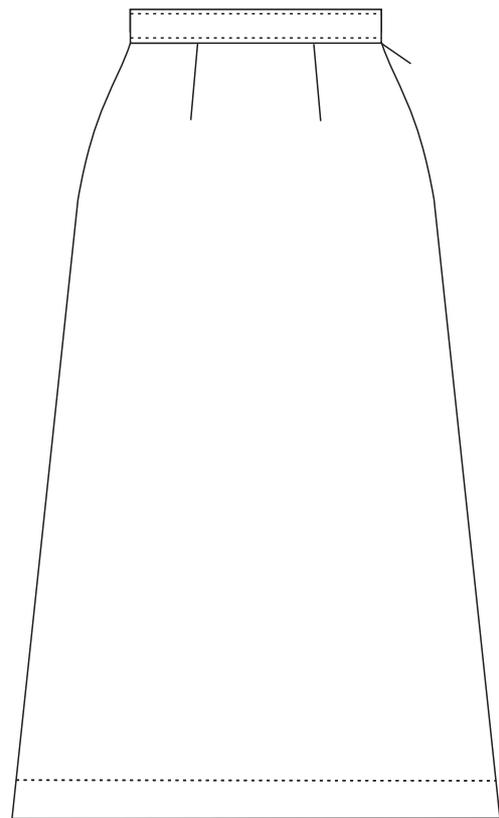
# Ficha Técnica

Nome	Saia Bordado	Coleção	Verão 2021
Referência	SA-2	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



## Costas

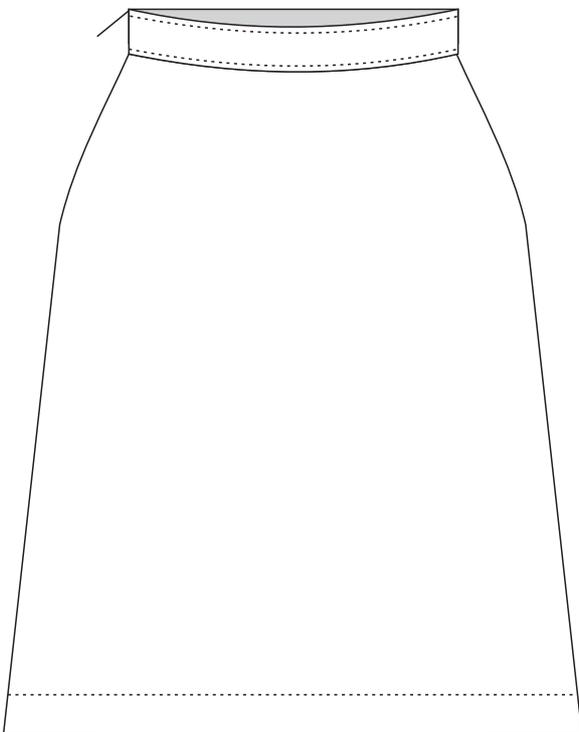


	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Linho	100% linho	amarelo 04	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	amarelo 04	Aviamentos & Co

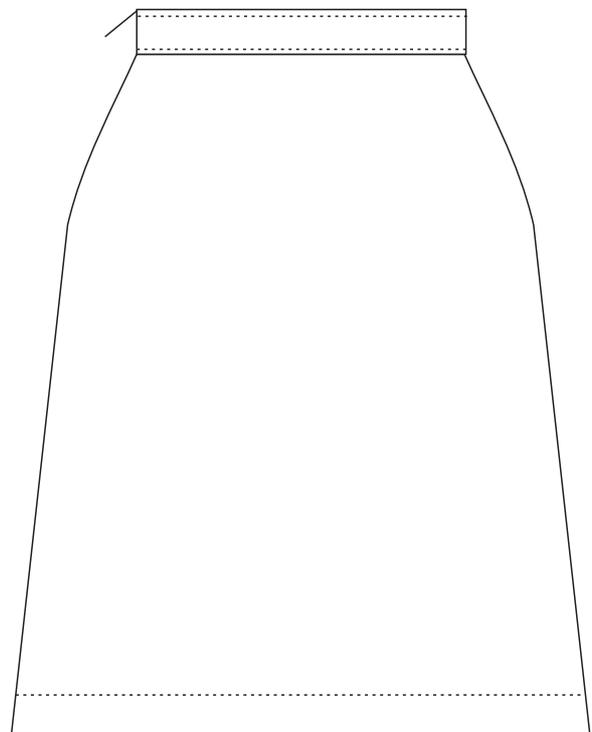
# Ficha Técnica

Nome	Saia Reta	Coleção	Verão 2021
Referência	SA-3	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020

## Frente



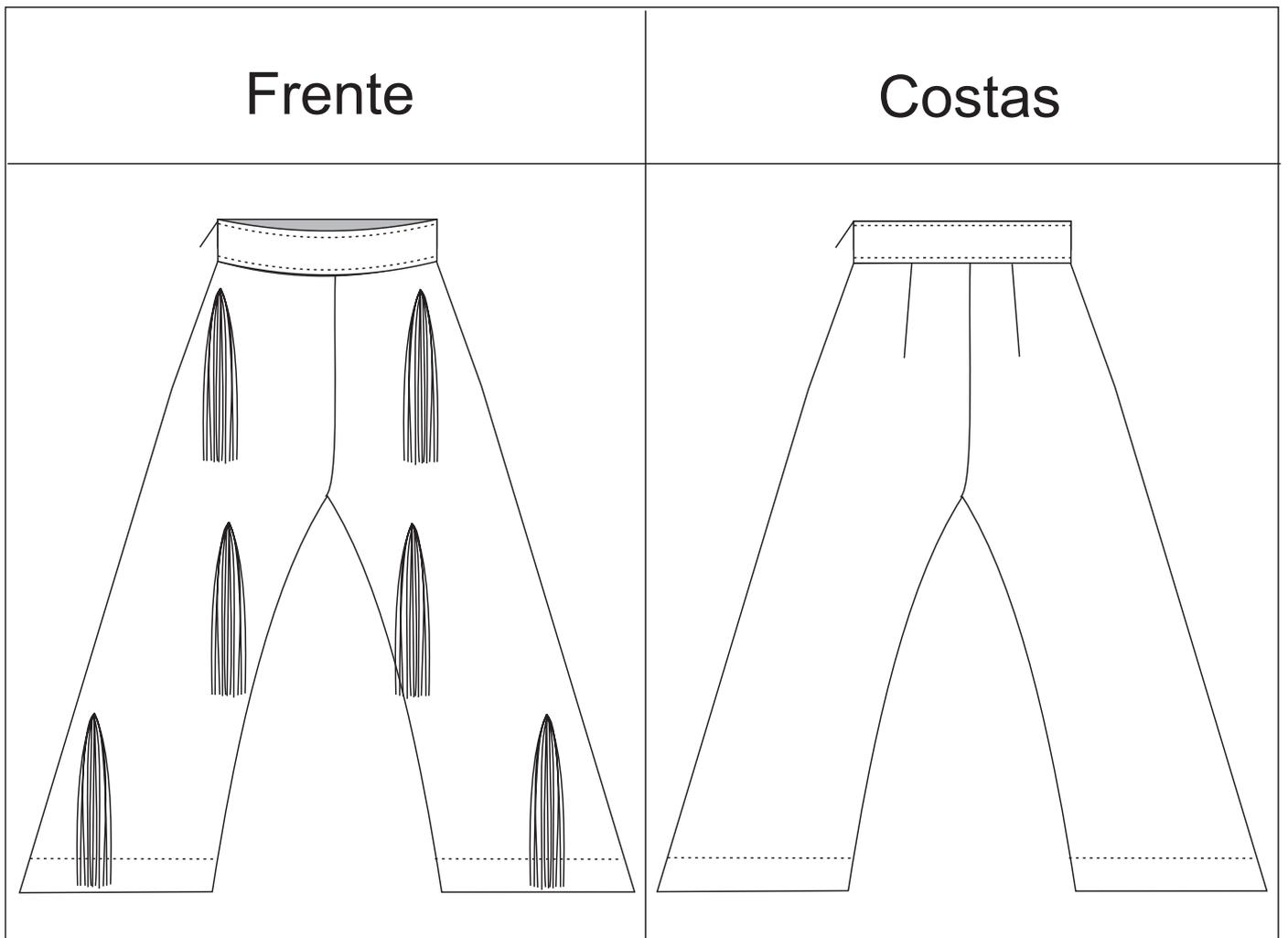
## Costas



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Marrom-01	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Marrom	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

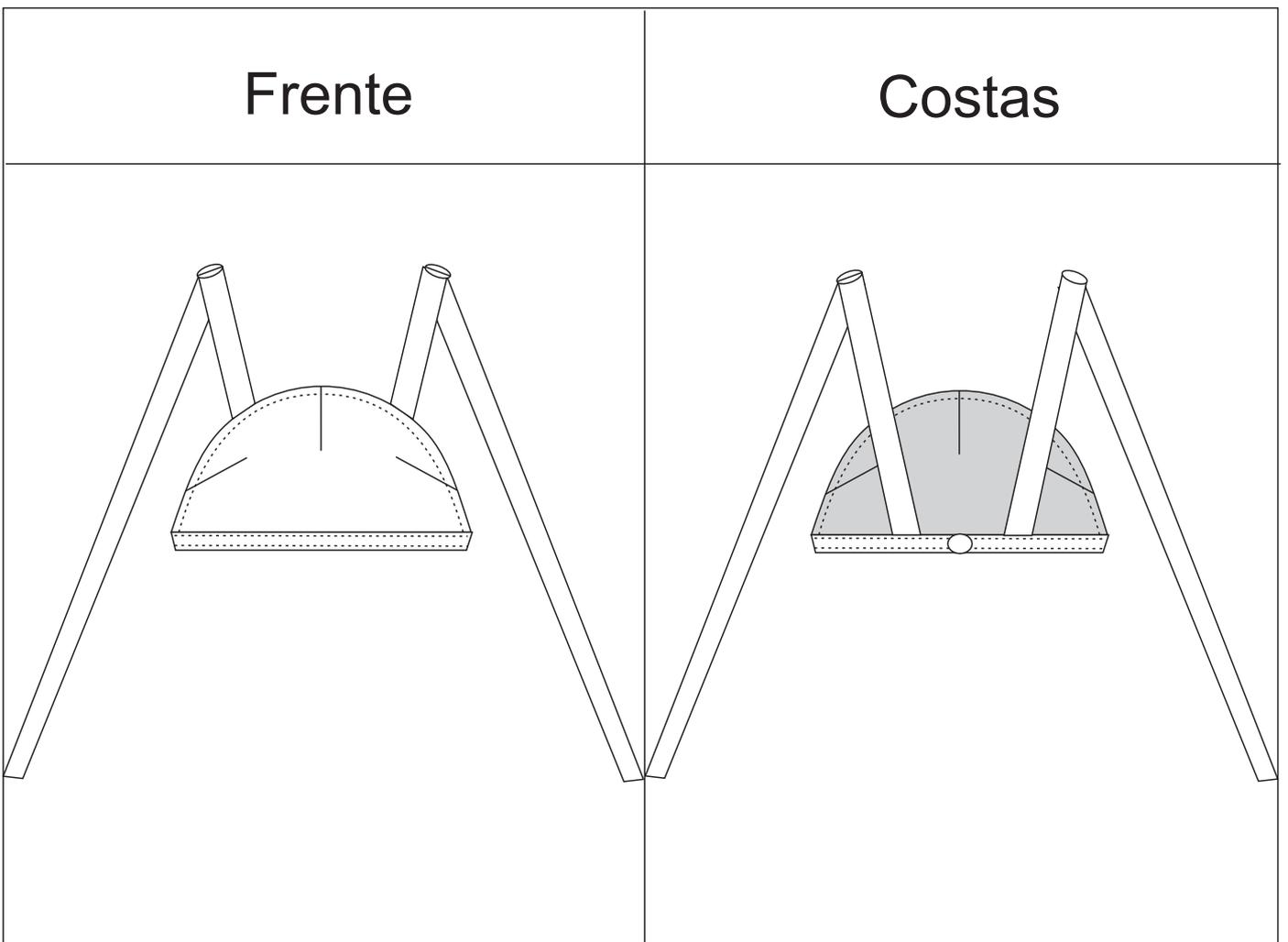
Nome	Calça Conceitual	Coleção	Verão 2021
Referência	CON-01	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Marrom 01	Tecidos & Co
Aviamentos	Zíper 10 cm	100% poliéster	Marrom	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

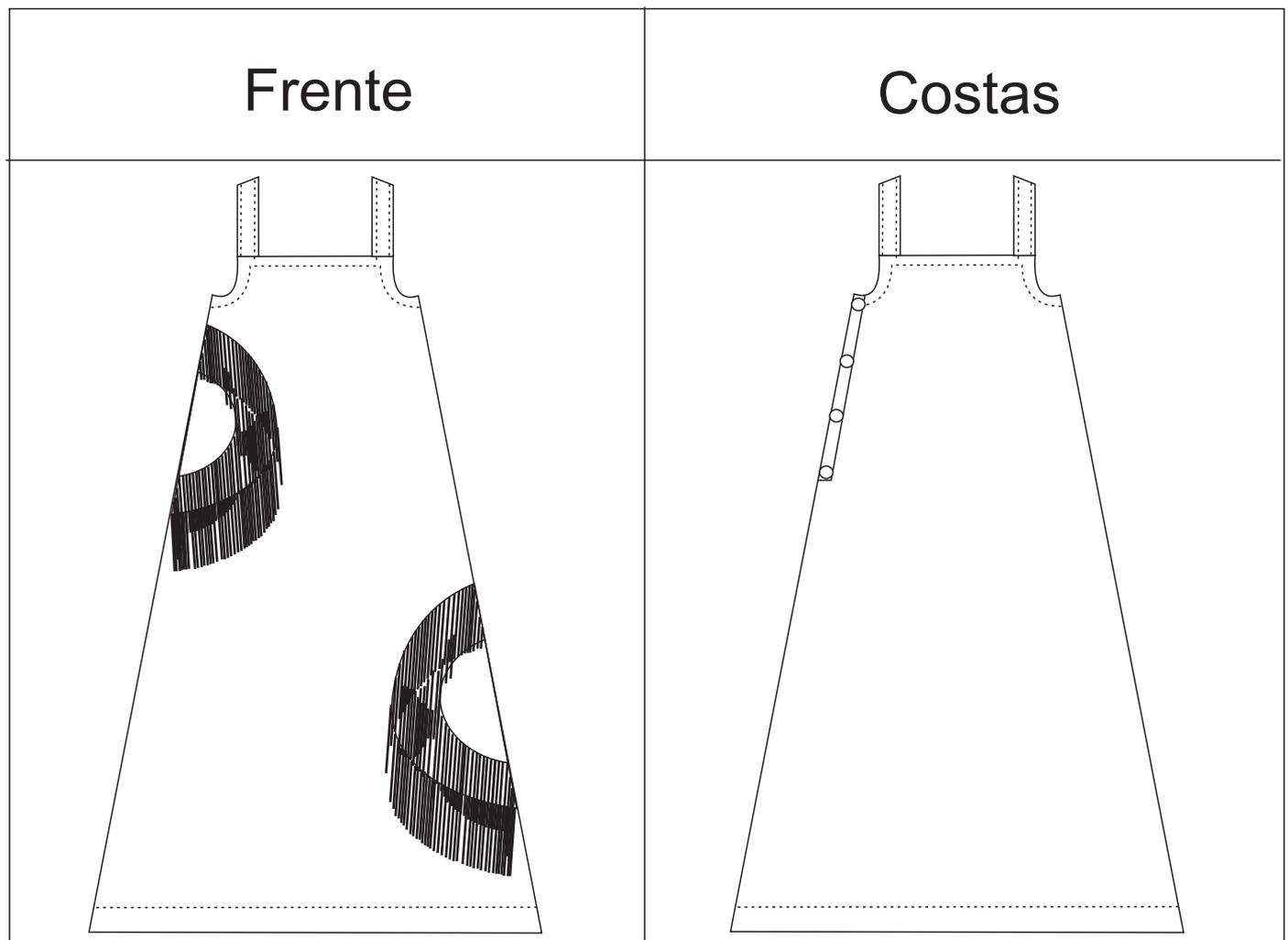
Nome	Conceitual	Coleção	Verão 2021
Referência	CON-05	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	38	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Marrom 01	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão	100% Bambu	Marrom	Aviamentos & Co

# Ficha Técnica

Nome	Conceitual	Coleção	Verão 2021
Referência	CON-6	Estilista	Enzo Rodrigo
Tamanho	<b>38</b>	Modelista	Enzo Rodrigo
		Data	12/10/2020



	Nome	Composição	Cor	Fornecedor
Tecidos	Crepe Georgette	100% seda	Caramelo	Tecidos & Co
Aviamentos	Botão 31 mm	100% bambu	Cores variadas	Aviamentos & Co
	Fio de meada	100% algodão	Vermelho 03	Aviamentos & Co

# Considerações Finais

O presente trabalho, conseguiu demonstrar de maneira efetiva a forma como a arquitetura indígena, é fruto de um processo refinado, de técnicas essencialmente manuais e sem o artifício, de diversas tecnologias disponíveis a outras sociedades. Demonstrando o potencial da cultura e inteligência coletiva indígena.

Bem como essas características intrínsecas da cultura indígena, são ameaçadas a partir do momento que não são protegidas com leis severas, que consequentemente protegeriam a vida dos povos indígenas, que devem sempre ser tão respeitadas e admiradas quanto sua cultura.

No campo da educação, se mostrou urgente o interesse do governo, em propor dados mais específicos sobre o que está ocorrendo na educação formal indígena. E também a partir dos estudos de caso, a necessidade de se atentar de maneira mais firmes, a projetos já instituídos focados na educação indígena.

Por fim, demonstrou-se importante após a apresentação de tantas dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas, mostrar especialmente aos não indígenas que tiverem contato com o trabalho, de que forma indígenas tem se organizado pela luta de seus direitos. Uma luta feroz e organizada, mesmo que invisibilizada.

Utilizar dessa pesquisa para a construção de uma coleção de moda, se mostrou uma experiência satisfatória, demonstrando como a pesquisa área da moda, pode se tornar cada vez mais necessária para criar se relacionando com elementos culturais, não pertencentes a quem se propõem a desenvolver, para que seja uma construção responsável e respeitável a todos.

Ajude a Escola Indígena Pamáali, no Alto Rio Negro, voltar a funcionar. **ISA**, 2020. Disponível em <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/ajude-a-escola-indigena-pamaali-no-alto-rio-negro-voltar-a-funcionar>. Acesso em 18 de out. de 2020.

Racismo institucional e repressão cultural: “Tão bonito que nem parece índio”. **CIMI**, 2020. Disponível em <https://cimi.org.br/2018/05/racismo-institucional-e-repressao-cultural-tao-bonito-que-nem-parece-indio/>. Acesso em 18 de out. de 2020

**MARTINS, Luísa. As Representações das Populações Indígenas na TV Brasil nas Perspectivas da Pluralidade e Diferença Cultural.** 2017. 68 pag. Universidade de Brasília, dissertação de mestrado, Brasília, 2017.

O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade. **CIMI**, 2020. Disponível em <https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>

Sônia Guajajara. Mídia Ninja, 2020. Disponível em <https://midianinja.org/author/soniaguajajara/>. Consultado em 21 de nov. de 2020.

Eleito intelectual do ano, Ailton Krenak ensina “A vida não é útil”. **ECOIA**, 2019. Disponível em <https://cimi.org.br/o-bem-viver-indigena-e-o-futuro-da-humanidade/>. Consultado em 22 de nov. de 2020.

Conheça o Cacique Raoni Metukitre. **FOLHA**, 2020. Disponível em [Por que o cacique Raoni Metuktire deve ganhar o Nobel da Paz](#). Consultado em 23 de nov. de 2020.

Porque o cacique Raoni Metuktire merece ganhar o Nobel da Paz. **ISA**, 2020. Disponível em [Por que o cacique Raoni Metuktire deve ganhar o Nobel da Paz](#). Consultado em 24. De nov. de 2020.

**CIMI**, Relatório Violência Contra Povos Indígenas, 2019, Rio Grande do Sul, pag. 19

Demarcação de Terras Indígenas. **Funai**, 2005. Disponível em < <http://www.funai.gov.br/index.php/todosdtp/154-demarcacao-de-terrasindigenas> > .Acesso em: 18 de out. De 2020

**FREIRE**, Paulo. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo.

Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963

**IBGE**, Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, Rio de Janeiro, 2019, pag. 9.

Mais de 10 mil hectares de floresta já foram destruídos na Terra Indígena Karipuna. **CIMI**, 2018. Disponível em <https://cimi.org.br/2018/07/mais-de-10-mil-hectares-de-floresta-ja-foram-destruidos-na-terra-indigena-karipuna/> . Acesso em 17 de out. de 2020.

Xingu. **ISA**,2020. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>

**VILLAS BOAS**, Orlando, **VILLAS BOAS**, Cláudio. **A marcha para o oeste**. 1ª Ed.. Companhia das Letras, 23 de mar. De 2020.

**FREIRE**, Paulo. **Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo**. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº4; Abril-Junho, 1963.

Educação Escolar Indígena. **FUNAI**,2020. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena> . Acesso em 17 de out. de 2020.

Educação indígena: olhar integral para os saberes tradicionais e do território. **EI**, 2020. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/educacao-escolar-indigena> . Acesso em 18 de out. de 2020.